Num. 316 Sabbado 11 de Julho de 1914 Anno VII

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

A AVALANCHE

Um dia de pagamento a funccionarios publicos

CURA ASSOMBROSA !!

COM O

ELIXIR DE NOGUEIRA

Do Pharmaceutico e Chimico
JOÃO DA SILVA SILVEIRA

Approvado pela Directoria Geral de Hygiene
PREMIADO COM MEDALHA DE OURO

GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE !!

Dr. Bueno Prado

UNICO QUE CURA A SYPHILIS !!

Attesto ter empregado frequentemente, em minha clinica civil e militar, o *Elixir de Nogueira* formula do saudoso pharmaceutico chimico João da Silva Silveira, tendo obtido sempre resultados satisfactorios e mesmo completo successo no tratamento das manifestações syphiliticas do 2° e 3° gráos, que muitas vezes tenho visto curadas com o uso continuado deste apreciado preparado, que parece possuir uma acção especifica sobre a terrivel affecção".

Rio, 14—8—913.

Dr. *Bueno do Prado*.

Major Medico.

(Firma reconhecida).

Vende-se em todas as Pharmacias e Drogarias do Brazil

CASA MATRIZ

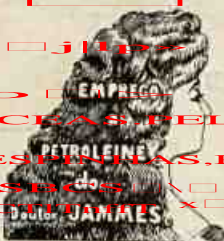
Pelotas - RIO GRANDE DO SUL - Caixa N. 66

Casa Filial e Deposito Geral

RUA CONSELHEIRO SARAIVA Ns. 14 e 16

Caixa do Correio 148 — Rio de Janeiro

Contra a

QUEDA DOS CABELLOS

e as doenças do Couro Cabelludo:

Atrophia das GLANDULAS SEBACEAS, PELLICULAS, ESPINHAS, PRUIDOS, etc.

O melhor Remedio é a

PETROLEINE

do Doutor JAMMES

á base de Pilocarpina

Loção de perfume suave *sem cheiro de petroleo,*

cujo uso regenera e embellece o CABELLO.

AGENTE GERAL PARA E. U. DO BRAZIL
Alexis de COURNAND
Rio de Janeiro : Caixa Postal, 438

Galeria portatil para bilhetes Postaes

£ 120 LUCRO

EM TRES MEZES

Foi este o lucro liquido do Sr. E. Lopez de Diego depois de ter pago todas as contas de hotel, passagens de Estrada de Ferro, vapores e outras despezas, em uma viagem que fez á America do Sul com uma Machina Photographica "Mandel" para Bilhetes Postaes.

Centenares de outras pessoas fizeram o mesmo. Porque não o faz o Sr.? O Sr. póde dobrar os seus ganhos actuaes trabalhando seja durante o seu tempo livre, seja permanentemente, COMO PHOTOGRAPHO DE UM MINUTO. NÃO É PRECISO EXPERIENCIA ALGUMA. O nosso processo especial e exclusivo permitte tirarem-se photographias Directamente Sobre os Bilhetes Postaes, Sem Chapas, Pelliculas Negativas ou Camara Escura.

As machinas "Mandel" para Bilhetes Postaes, fazem cinco estylos differentes de photographias (tres tamanhos) bilhetes postaes e botões. Ganham-se quantias immensas onde quer que haja gente. Nas feiras, carnavaes, Corridas de Touros, estações de caminhos de ferro, cáes de embarcar, festas eclesiásticas e nacionaes.—Todos estes logares serão verdadeiras minas de ouro para o Sr. uma vez que possua uma Machina "Mandel"

Jogos Completos £ 2 10s (Ouro) Para Cima

Não importa quaes sejam as suas circumstancias actuaes, o Sr. poderá comprar um dos muitos jogos que fabricamos. Cada machina está montada com lentes excellentes e produzirá photographias claras e limpas. Investigue o assumpto immediatamente. Enviar-lhe-hemos litteratura descrevendo todas as nossas machinas, gratuitamente. Escreva nos hoje mesmo e aprenda a modo de poder tornar-se independente com um negocio seu e muito proveitoso.

THE CHICAGO FERROTYPE CO.

Auctores Originaes da Photographia em um Minuto

F. 819 Ferrotype Bldg., CHICAGO, ILL., U. S. A.

PASTILLES VALDA
MALADIES DES VOIES RESPIRATOIRES
ACTION MERVEILLEUSE
pour le TRAITEMENT Rationnel & Energique
Asthme, etc.
PHARMACIE PRINCIPALE
H. CANONNE
PARIS
P.V
USAE
AS
PASTILHAS VALDA
SE GOZAES DE SAUDE
HAVEIS DE VOS RESGUARDAR
SE ESTAES DOENTES
HAVEIS DE VOS CURAR
DAS CONSTIPAÇÕES, BRONCHITES,
DOENÇAS da GARGANTA, LARYNGITES,
GRIPPE, INFLUENZA, ASTHMA, etc.
Mas sobretudo EXIGI sempre
em todas as Pharmacias
AS
VERDADEIRAS PASTILHAS VALDA
Vendidas só em CAIXAS
COM O NOME VALDA
Agentes geraes
FERREIRA NEWKAMP & Cia, Caixa 35
RIO DE JANEIRO

ENTRE TROCISTAS

— Ora aqui tens um problema simplicissimo para resolveres.

— Vae dizendo.

— Um burro estava amarrado com uma corda de 3 metros e, á distancia de 8 metros, estava um feixe de capim que era mesmo uma belleza. O burro viu-o e quiz jantal-o. Como se arranjar elle para o conseguir ?

— Olha, procura outro que te responda que eu não caio n'essa.

— Por que ?

— Sim ! queres naturalmente que eu diga «desisto», para me responderes logo nas buxas : «Foi o que o burro fez.»

— Não imagines que te quero empulhar ; dei-te um problema de verdade.

— Então, desisto de resolvel-o.

— Pois é facilimo : — o burro marchou para o capim e comeu-o.

— Mas, tu não disseste que o burro estava amarrado com uma corda de tres metos ?

— Disse ; mas, tambem não te disse que a outra ponta da corda estava amarrada em alguma cousa.

DESEJA VENDER A SUA MACHINA DE ESCREVER VELHA ?

Offerecemos **200$000** por qualquer machina usada, seja qual fôr o seu fabricante e o estado de conservação, em troca d'uma machina **YOST** nova.

Se a sua machina estiver gasta ou não prestar os serviços desejados, não poderia trocal-a em condições mais favoraveis, pagando apenas a differença de preço de 250$000.

A machina **YOST** visivel é de construcção solida, possue um toque elastico e agradavel, sendo a unica machina standard que escreve directamente no papel, sem fita, resultando uma escripta nitida e perfeita.

Esta offerta é valida por tempo limitado — não deixem portanto de aproveital-a já.

CASA PRATT

Rua do Ouvidor, 125 — Rio de Janeiro

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS

ANNO . . . . 15$000 | SEMESTRE . . . . . 8$000

NUMERO AVULSO

CAPITAL . . . 300 Rs. | ESTADOS . . . . 400 Rs.

End. Teleg. Kósmos

Telephone N. 5341

N. 316 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 11 — JULHO — 1914 — ANNO VII

Coronel Rondon

O coronel Rondon é o magnanimo heróe da catechese leiga.

Buzinando festivas palavras de amôr á desconfiada bruteza selvicola, penetrou os sertões e fraternalmente levou aos felizes indios selvagens a generosa certeza de que a polvora e a bala não constituem os beneficios unicos da civilisação.

Incorporando novos cidadãos á patria e dilatando os nossos curtos conhecimentos geographicos, reduzio os proventos pessoaes do seu arrojo aos seus magros honorarios insufficientes de glorioso militar desprotegido.

Seguindo-lhe as pégadas e carregando nos lombos o peso sonoro de trinta contos, o explorador Landor fez as rendosas descobertas de terras e tribus com que, magnificamente mentindo á Europa, enche de urrantes coleras de rival a esse esperto coronel Roosevelt para quem o intimorato Rondon descobrio o rio famoso da Duvida.

Vol-Taire

Coronel Rondon

Conferencias literarias de 1914

Realisou-se na segunda-feira, perante uma grande assistencia, a segunda conferencia da série. Bastos Tigre, o notavel humorista Dom Xiquote, estudando *o microbio do amôr*, conseguio, nestes dolorosos tempos de seriedade afflictiva, illuminar de alegria e encher de sorrisos a alma e os labios do seu numeroso auditorio.

*

Hoje, ás 4 horas da tarde, Teixeira Leite Filho, o bizarro escriptor do *Naro artista*, fazendo a terceira conferencia, dissertará sobre as *Lendas que morrem*.

*

Na proxima sexta-feira, Oscar Lopes, o magnifico poeta das *Medalhas e Legendas*, illustre fundador da Sociedade Brasileira dos Homens de Lettras, desvendando os arcanos da *Illusão feminina*, realisará a quarta das conferencias da série annual.

O dentista é o homem que come com nossos dentes, isto é, vive delles.

Cumulo da distracção:

Entrar numa sellaria e pedir amostras de casimiras...

Folk-lore

Das suffragistas quereis
Que cesse já o alarido?
A cada uma entregae
Sem mais demora um marido.

JOTA

Sociedade Brasileira de Homens de Lettras

A assembléa geral reunida na Sociedade Rio-Grandense, approvou, com pequenas alterações, o projecto de Estatutos e de accordo com estes, que entraram immediatamente em execução, constituio a primeira directoria, sendo eleitos:

Presidente — Oscar Lopes (acclamado.)

Vice-presidente — Sebastião Sampaio.

1º secretario — Sarandy Raposo.

2º secretario — Matheus de Albuquerque.

Thesoureiro — Bastos Tigre.

O grande poeta Olavo Bilac foi aclamado presidente-honorario.

Na proxima reunião será eleita a commissão vestibular.

A VIDA ELEGANTE

Salão do Copacabana-Club, por occasião do baile do ultimo sabbado

A VIDA ELEGANTE

Um grupo de directoras do Copacabana-Club

DISTRACÇÃO CELEBRE

Absorvido pelo immenso trabalho com que se occupava todos os dias, o scientista Thomaz Edison não havia ainda pensado em casamento, quando visitando uma fabrica em Newpark, ficou encantado pela physionomia graciosa e meiga de uma operaria. Dahi por diante, no meio de seus estudos e calculos, a imagem da joven Maria Stivell apparecia-lhe muitas vezes no pensamento. Essa vizão sorridente revelou ao seu coração um sentimento que lhe era ainda inteiramente desconhecido : o amor. Quando teve absoluta certeza da amizade que consagrava á joven operaria, foi, sem mais preambulos e etiquetas pedi-la em casamento.

Maria Stivell surprehendida assim com tão inesperado pedido, obteve de Edison oito dias para formular a resposta, e passado esse tempo consentiu, de bôa vontade, em ser noiva do futuro archi-millionario.

O casamento não se fez esperar. Saindo da igreja, conduziu Edison a sua joven esposa para a villa onde morava e onde havia installado seu atelier de Menlo-Park. Depois de lhe ter mostrado a sua uzina, as machinas, seus inventos etc., pediu-lhe permissão para a deixar por um instante para ir terminar em seu laboratorio uma experiencia muito importante, promettendo vir se juntar á ella durante o jantar de nupcias. Assim se passou o resto do dia, veio o jantar e após este as dansas que se prolongaram até o dia seguinte, sem que Edison apparecesse.

Intrigados com tão despropositada ausencia em uma occasião tão solemne, os convidados e mais a noiva foram procura-lo e encontraram-o entregue inteiramente a seus trabalhos. Edison havia esquecido seu casamento !

J. C. M. S.

Entre cliente e agiota :

— Estou a notar-lhe hoje, Sr. Fagundes, um certo abatimento.

O agiota, distrahido :

— De quantos por cento, meu caro ?

— Aquella madama que vae passando alli já me fez soffrer horrivelmente.

— Uma paixão mal correspondida ?

— Qual ! pisou-me o maior callo que tenho.

Faculdade de S. J. e Sociaes

Joaquim Firmo Barroso

Firme na conquista, como o confirma seu pomposo nome, é o lemma inafastavel do illustrado professor de *Direito Amoroso* da Faculdade da Rua do Mattoso; as mais formosas e chics são distinguidas com a côrte do nosso Heroe *testualmente* falando; não raro são os dias em que deixa de ir a Faculdade perdido na successão indefinida com que se substituem, ante a sua perplexidade de *mineiro*, multiplas *gurias* que o obrigam a frequentes excursões nos mais afastados e contraditorios arrabaldes da nossa *urbs* e de onde volta abatido e suarento, mas sempre cheio de esperanças e de victorias... de Pirulho com certeza, sinão de formidaveis *latas*, como perversamente o insinuam os invejosos de sua *sorte*.

Cavador emerito, tem entretanto afrouxado um pouco n'esses ultimos tempos, proclamando aos quatro ventos, ser a pratica a unica cousa aproveitavel a um bacharel que se presa; dizem já advogar ostentando garbosa e immodestamente uma pritante placa doutoral incidindo assim na applicação das pesadas penalidades com que são mimoseados os contrafactores que persegue; muito falla de seus numerosos clientes e nas encrencas que tem resolvido a custa talvez de escrivães amigos e dos meirinhos *cobresedentos*.

A directriz juridica que o nortea em todos os assumptos mesmo em seus austeros estudos, affirma-se principalmente na soberba definição de casamento com que, enriquecendo a litteratura juridica patria, relegou para o olvido o classico latinorio de Modestino e as palavras cristalisadas do velho Lafayette sobre o importante instituto; eis na integra a famosa producção de seu espirito espiroidal como as linhas sinuosas de sua basta cabelleira: «casamento é o acto pelo qual duas pessoas sexo de differente se completam moral e materialmente».

Basta, porem, de *malhação*; o homem é na verdade amante, mas sobretudo bom companheiro e um distincto estudante.

GABIRÚ

SCENA FUNEBRE

No feretro agaloado, á luz triste dos cirios,
Tombado em pleno viço, o mancebo que fôra
Um bom, de tanto bem a força propulsora,
Jazia meio occulto entre rosas e lirios.

A quantos vejo em torno o meu olhar inquire-os:
— Como se extingue assim vida tão promissora?
Como foi? Por que foi? Nessa alma encantadora
Ou nesse corpo são haveria martyrios?

Mas ninguem respondeu; cada qual sua magua
Curtia emmudecido e de olhos rasos d'agua;
O morto, apenas elle, é que estava tranquillo.

E, si houve alguem que foi alem de toda gente,
Foi a sogra, que eu vi chorar convulsamente;
As lagrimas, porem, eram de crocodilo.

JEAN GRIMACE

Temendo que a viagem do Dr. Sabino Barroso á Europa acarrete complicações acaçapantes na politica fluminense, o Dr. Oliveira Botelho escreveu uma carta ao Dr. Wenceslau Braz, dizendo que já tem 13 filhos.

INSTANTANEO

Sta. Gumercindo Ribas

ARTES e LETRAS

A *Renascença Portugueza*, do Porto, editou num elegante volume de 40 paginas a artistica novella a que o bizarro escriptor COSTA MACEDO deu o nome de *Miss Dolly*.

*

PERY MELLO foi um escriptor sul-rio-grandense que morreu joven sem ter conquistado a nomeada que merecia. Os seus amigos, que eram numerosos e ficaram fieis á sua memoria, colligiram alguns dos seus trabalhos e publicaram *O livro posthumo*.

*

PEDRO VERGARA, escriptor e poeta mui joven, acaba de publicar as *Paysagens Mysticas*, impressas em Porto-Alegre.

*

Foram reunidos em volume, com o fim de glorificar-se a memoria do major CAROLINO BOLIVAR DE ARARIPE SUCUPIRA, artigos de imprensa e documentos officiaes relativos aos guerreiros feitos desse bravo veterano da campanha do Paraguay.

Folke-lore

Fui ha dias ao Brulé,
Em um Pope, encasacado,
Mas nada, nada, entendi !
Voltei devéras queimado !

JOTA

De um padre, que era jogador, conta-se que certa vez, sahindo da banca á hora da missa, com tal atrazo e precipitação correu para a igreja, onde o aguardavam os fieis, que não teve tempo de converter em dinheiro todas as fichas, uma das quaes lhe ficou no bolso e por um descuido foi misturar-se ás hostias destinadas aos estomago christão dos peccadores que, tendo confessado os seus erros, foram absolvidos.

A um destes, por engano, em vez da hostia, o padre deu a ficha. Não podendo engulil-a, o remido peccador perguntou ao que lhe ficava ao lado :

— Que é isto que este padre nos deu ?

— O corpo de Christo.

— Pois olhe, a mim tocaram os ossos, exclamou o da ficha.

O TENENTE SODRÉ

A gloriosa farda brasileira, a cujo grande prestigio deve o tenente Sodré os seus triumphos na vida, parece que está pesando esmagadoramente, neste momento, sobre as costas do candidato conservador á presidencia do Estado do Rio.

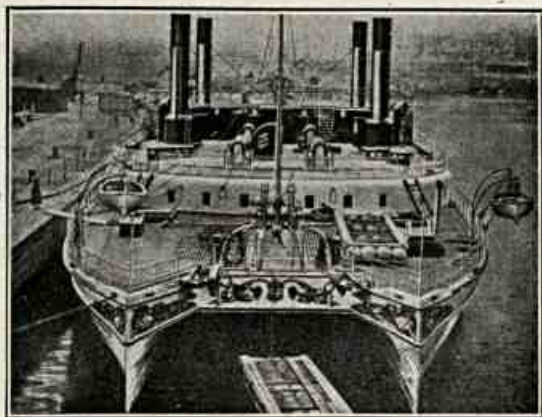
O tenente não quer que o chamem tenente e os seus amigos que têm relações na imprensa pedem aos jornalistas que substituam, nos seus artigos, o tenente Sodré pelo Dr. Sodré.

Os orgãos conservadores alegremente satisfazendo o bizarro desejo do tenente, chamam-n'o *o Dr. Sodré* e as folhas opposicionistas ficam espantadas não sabendo porque não quer ser tratado pelo seu posto militar um official que não pede demissão do serviço do Exercito.

O chá de caridade

ELLE — Eu sou muito grato aos pobres. V. Ex., minha senhora, é a esmola que elles me mandam.

OS DELIRIOS DA IMAGINAÇÃO APPLICADOS A' NAVEGAÇÃO

O anno proximo passado, esteve em nosso porto um vaso extranho que se não provocou a curiosidade do publico, ao menos chamou a attenção dos profissionaes.

Uma das naves construidas em 1878

Chamava-se *Kangoroo*, e no seu bojo viajava um submarino destinado ao governo peruano.

Os nossos submarinos, typo F., de que já nos chegou uma amostra carregada de ostras, vieram modestamente a reboque, mar em fóra.

O *Kangoroo*, por uma disposição especial do seu carco, abria um verdadeiro tunel em sua pôpa, desmontando chapas, pela qual com a agua penetrava o submarino. E os jornaes de então longamente se

Frente de um navio triplo

occuparam, com detalhes technicos, do navio transporte.

A marinha allemã possue um navio especial — o *Vulcan* — destinado á salvação dos submarinos, feito com dous navios conjugados. Não sabemos de serviços por elle prestados de modo a julgar de sua efficiencia.

Entretanto, a idéa de conjugar dous ou mais navios de forma a diminuir a resistencia opposta pela agua ao avanço da brutal massa dos grandes paquetes modernos, não é nova. Os americanos já a apresentaram ha muito.

O typo ideal dos navios para elles é o dos nossos *ajoujos*, tão conhecidos dos ribeirinhos das grandes vias fluviaes.

O *ajoujo* é formado por duas canôas conservadas a certa distancia e sobre as quaes se colloca um estrado onde vão as cargas. Como se vê, o espaço aproveitavel é desproporcionalmente superior ao que se conseguiria obter com uma embarcação da mesma largura e que offereceria á corrente uma resistencia dez vezes superior á que offerecem as canôas apparelhadas uma ao lado da outra.

Assim idearam os americanos um typo de navio formado por nada menos de tres, conservados inde-

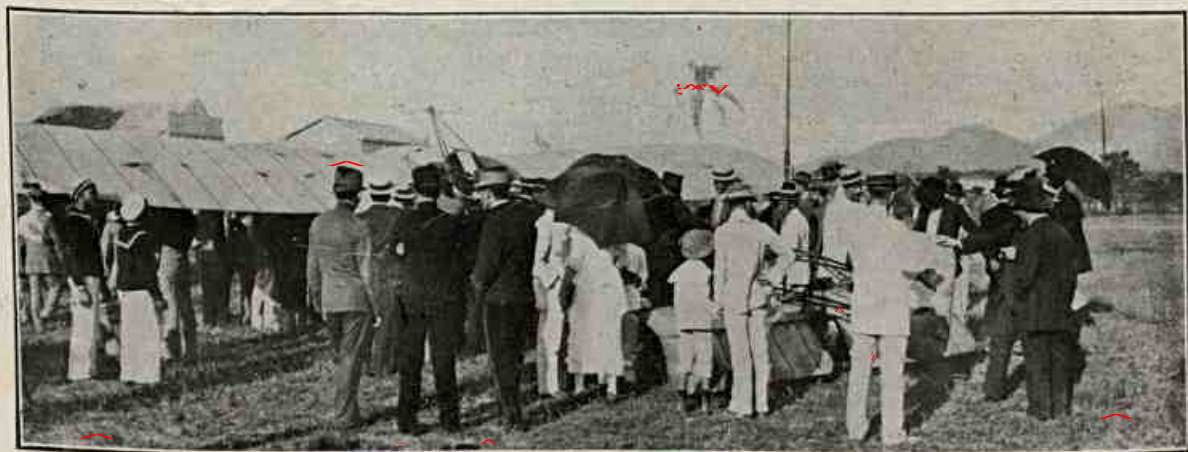
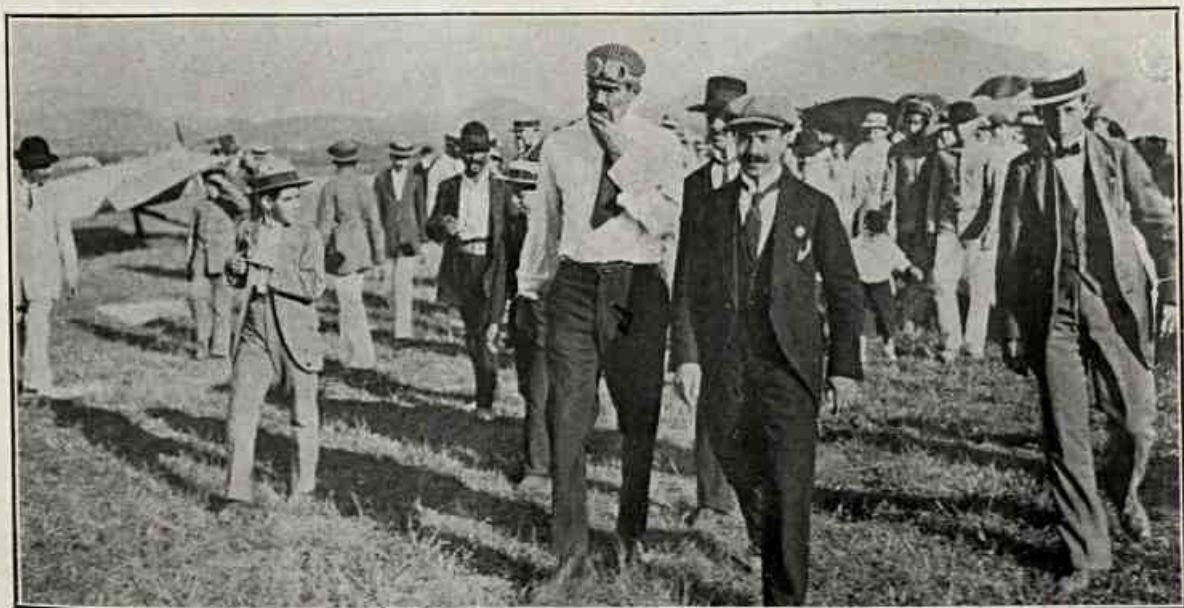
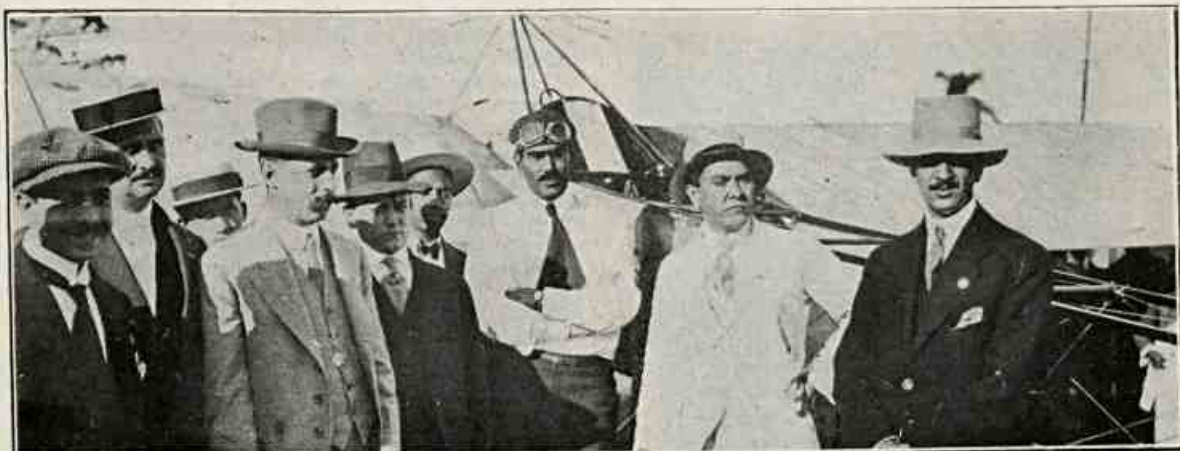
Navios conjugados, vistos de lado e de frente

pendentes até uma certa altura e d'ahi para cima intimamente ligados.

Os technicos americanos que examinaram o assumpto condemnaram a idéa inteiramente, dizendo que a maior resistencia offerecida pela agua era devida ao attrito e por consequencia em tres cascos a resistencia em vez de diminuir triplicaria.

Em 1878 e 1879 foram lançados ao mar dous navios de casco duplo destinados á navegação no mar da Mancha — o *Castalia* e o *Calais-Douvres*.

Ambos poucos serviços prestaram, só podendo navegar com segurança no verão, quando aquelle agitado mar se acalmava. Depois o dispendio de combustivel augmentou e fracas foram as velocidades obtidas.

Posta assim de parte a idéa, continuaram os estaleiros allemães e inglezes a lucta, cada qual procurando construir maiores náos, como o mallogrado *Titanic* que o oceano devorou e recentemente o *Imperator* e o *Vaterland* que ora navegam entre Europa e Norte-America.

I — Edú Chaves e o apparelho em que veio do campo de Juquery, em São Paulo, ao Campo dos Affonsos, no Rio de Janeiro, fazendo um percurso de 450 kilometros em 4 horas e meia.

II — Tendo feito uma ascensão em São Paulo, Edú Chaves, nos ares, deliberou voar até esta capital e sem decer para apanhar o casaco que deixara em Juquery, emprehendeu o memoravel vôo no termo do qual desceu no Campo dos Affonsos, em que se realisava um «meeting» de aviação. III — No Campo dos Affonsos.

INSTANTANEO

A' hora da prece

NOTAS DE VIAGEM

As cavernas celebres

Existem um certo numero de cavernas celebres em muitos pontos do globo e mais especialmente, nas regiões vulcanicas.

Distinguem-se pela sua origem, que é neptuniana, ou plutonica.

Com effeito, destas cavidades, umas foram formadas pelas aguas, que pouco a pouco, roem, gastam, minam, até massas graniticas, a ponto de tranformal-as em vastas excavações; taes são as grutas de *Crozen* na Bretanha, as de *Bonifacio* na Corcega, de *Morghatten* na Noroega, de *S. Miguel* em Gibraltar, *Saratchell*, sobre o littoral da ilha de Wight, de *Furana* nas marmoreas penedias das costas da Conchinchina.

As outras, de formação muito diversa, são devidas ao apertamento das paredes de granito ou de basalto produzido pelo resfriamento das rochas igneas, e na sua contestura, appresentam um caracter de brutalidade, que falta ás grutas de origem deptuniana.

Com as primeiras, a natureza fiel a seus principios, economisou o esforço, com as segundas, economisou o tempo. A's excavações, cuja massa borbulhou pela acção do fogo das epochas geologicas, pertence a celebre gruta de *Fingal.*

— Fingal's cave — conforme a prosaica expressão ingleza. Nesta pequena nota vou dar um muito ligeiro esboço do que seja a famosa gruta de *Fingal*, essa maravilha do globo terreste, que abysma e que extasia.

— Para chegar-se á famosa gruta, toma-se pela alçada que segue pelo littoral a nascente da ilha. A extremidade dos fustes, espetados verticalmente como se algum engenheiro tivesse alli espetado estacas de bassalto, formam um empedrado solido e secco ao rez dos primeiros rochedos. Não se podia imaginar mais admiravel caminho para esta gruta, digna de ser habitada por algum heroe das Mil e uma noites.

Chegando-se ao angulo sudoeste da ilha, sobem-se muitos degraus naturaes, que não deslustrariam as escadas de um palacio. E' no angulo do patamar que se erguem os pilares exteriores contra as paredes da gruta, como as do pequeno templo de Vesta em Roma, justapostos de modo a dissimular a grandeza do todo.

Na sua parte mais elevada se apoia a enorme massa de que é formado esse pedaço da ilha. As fendas obliquaes d'estas rochas, que parecem estar dispostas segundo o caracter geometrico das pedras do intradorso de uma abobada, contrasta-se singularmente com a posição vertical das columnas que as sustentam. Ao pé dos degraus a agua ergue-se e abaixa-se docemente, como por effeito da respiração. Alli se reflectia todo o envasamento do massiço, cuja escura sombra ondula sobre as aguas.

Chega-se ao patamar superior, vê-se uma especie de estreito caes, ou antes um passeio natural que segue a parede até o fundo da gruta.

Um mainel com travessas de ferro chumbadas (artificial) no bassalto, serve de corrimão entre a muralha e a aresta viva do pequeno caes. Na frente, abre-se uma especie de nave, profunda e elevada, cheia de uma mysteriosa sombra. O desvio entre as duas paredes lateraes, ao nivel do mar, mede 34 pés. A' direita e á esquerda, pilares de basaltos, unidos uns contra os outros, enchem como em algumas cathedraes do ultimo periodo gothico, a massa de muros de apoio. Sobre o capitel desses pilares apoiam-se as bases de uma immensa abobada em ogiava, que a contar do fecho se elevam a 50 pés acima do nivel das aguas médias.

Segue-se depois por uma saliencia, que forma o passeio interno.

Alli estão collocados na mais perfeita ordem, centenares de columnas prismaticas, de grandezas diversas, semelhante ao producto de uma crystalisação collossal.

As suas finas arestas desprendem-se tão nitidamente, como se o cinzel de um esculptor lhes tivesse contornado as linhas.

Aos angulos reentrantes de umas, se adaptam geometricamente os angulos salientes das outras. Estas, têm 3 faces; aquellas, 4, 5, 6, e até 7 ou 8, o que varia tanto a uniformidade geral do estylo, quanto prova em favor do sentimento artistico da natureza. A luz vem de fóra brincar sobre as facetas de todos os angulos.

Colhida pela agua interior, reflectida como um espelho, impregnando nas rochas submarinas, e nas hernas aquaticas, de tintas verde-vermelho-escuro, ou amarello-claro, accende mil fogos nas projecturas dos bassaltos, que em regulares emmolduramentos formam a aboboda deste hypogêo sem rival no mundo.

Ali dentro, reina um como *sonoso silencio* — silencio especial das escavações profundas. Somente se ouve as vozes dos ventos n'umas longas harmonias, que parecem feitas n'uma serie de notas melancolicas, graves, engrossando e extinguindo-se pouco a pouco. Julgar-se-hia que, sob um sopro poderoso todos aquelles prismas se ouviam e resoavam como as palhetas de um enorme harmonico. E é talvez a este effeito extranho que é devido o nome — *An-Na-Vine*, — (a gruta harmoniosa) pela qual esta caverna é denominada na lingua celtica. A profundide total da gruta esta canculada em 150 pes.

Ao fundo da nave encontar-se um como immenso orgão, onde se delineam um certo numero de columnas de um modelo menor que o da entrada, mas de igual perfeição de linhas. D'aquelle sitio, a perspectiva, abrindo-se em pleno céo, é admiravel.

Agora, impregnada de luz, deixa ver a disposição do fundo submarino, formado pela extremidade dos fustes, tendo de uma até quatro faces, encaixados uns nos outros, como quadrados de mosaico. Nas paredes lateraes, veem-se admiraveis jogos de luz e de sombra.

Apaga-se tudo, quando alguma nuvem cae na entrada da gruta, como uma cortina de escouailha sob o proscenio de um theatro. Pelo contrario, tudo resplandece, animando-se com as sete cores do prisma, quando uma porção de sol, reverberada pelo crystal do fundo, se ergue em longas chapas luminosas até o fundo da nave.

Mais adeante, quebra-se o mar, sobre as primeiras pedras, do gigante arco. Este quadro negro, como uma moldura de ebano, faz sobresahir os ultimos planos de tão soberbo conjunto. Ao longe, o mar e o céu apparecem em todo seu explendor, vendo-se a distancia — *Iona*, — que duas milhas ao largo, recorta em branco as ruinas de seu mosteiro.

EDEL

PRATICA

Ter leitores aos mil !... Ah ! quem seria
Indifferente á gloria tentadora !...
A mim, poeta, entanto, bastaria
Que tu fosses minh'unica leitora !

Vejo porém que, numa dôr sombria,
Vai-se a minha illusão consoladora...
Lês um jornal provincial, do dia,
Onde vazei minh'alma soffredora...

São versos que compuz e que escrevi,
Todos cheios d'alguem... cheios de ti,
Que mal lhes deitas um ligeiro olhado !

E emquanto o orgulho dum poeta pena,
Voltas de manso a pagina e, serena,
Passas a lêr os «Preços do Mercado.»

GUY BRAZ

Aversão ás linguas

— O'... a musica!... Que arte divina!... E' bem o idioma dos anjos. Mas que linguagem difficil. Eu não percebo nada.

A variedade da especie e o *mimetismo* na girafa

Por muito tempo foi crença que as girafas constituissem uma familia distincta do grupo dos ruminantes e que a especie fosse unica em todos os sitios em que eram encontradas. Entretanto constatou-se derradeiramente que assim como as formas ancestraes do extranho animal se differenciavam muito, como o provam as formas fosseis encontradas, da época terciaria, a girafa actual tem parentes bem proximos no genero *Okapi* que habita a Africa Central, aproximando-se muito mais das formas extinctas que da girafa actual. Uma curiosa observação feita foi a de que conforme a região em que habita, apresenta a especie differenças relevantes que autorisam os naturalistas a consideral-as como caracteristicos de sub-especies.

Cabeça de girafa com cinco chifres

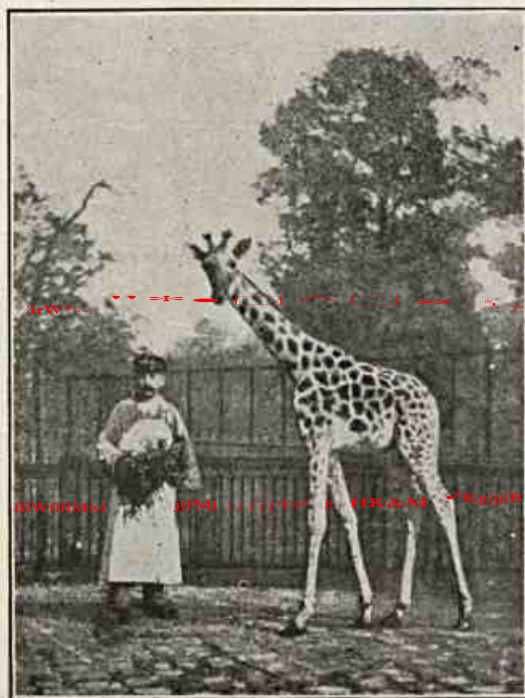
A girafa vive em toda a Africa, ao sul do Sahara, mas por vezes fazem-se centenas de leguas pelo interior daquella parte do mundo sem encontrar uma que seja.

E' que ella não vive, aos casaes ou em pequenos grupos, senão nos pequenos bosques semeados de *mimosaceas*, especialmente da *Acacia giraphæ*, arvore cujo nome é devido a servir preferentemente de alimentação ao gigantesco quadrupede.

Aspecto de uma região da Africa Central: os ramos da Acacia no primeiro plano figuram um polygono semelhante ás manchas do pello da girafa

E' necessario ver uma girafa em um bosque dessas arvores formado, para comprehender a razão das manchas polygonaes que lhe dão um aspecto tão caracteristico.

Trata-se de um *mimetismo* protector, bem manifesto, mas de que só se poderá fazer idéa conhecendo-se a disposição dos galhos da *Acacia giraphæ*. Elles só frondejam na extremidade, são esbranquiçados e curvam-se para o solo ou bifurcam-se em angulos bem abertos, de modo a formar figuras polygonaes, exactamente como as listas brancas que separam as manchas do pêllo da girafa.

D'ahi resulta que quando um desses animaes se occulta atraz de uma dessas arvores, ao longe o seu corpo se confunde com os ramos da arvore, dissimulando-a perfeitamente aos olhos pesquizadores quer do homem, quer dos outros animaes, como os grandes carnivoros — todos seus inimigos.

Girafa de Tombuctú, joven

Esse facto é tão conhecido dos caçadores de girafas que, quando desejam descobrir alguma, sobe um dos caçadores a uma arvore bem alta e inspecciona todo o terreno ao longe, procurando os pontos em que haja acacias, faceis de perceber á distancia. E' pela cabeça das girafas emergindo da vegetação que elle as descobre.

As manchas do pello da girafa variam em côr e forma conforme a região em que habitam, o que prova a adaptação protectora em correlação com a diversidade dos pontos habitados.

A girafa da Samalilandia (*Girafa camelopardalis reticulata*), é a que tem o pello mais bellamente constituido.

RETICENCIAS...

Não ha facto que logre attrahir a curiosidade dos homens como um assassinio de mulher por motivo de amor...

Nietsche, que, apezar de philosopho, conhecia bem o coração humano, viu na morte de *Carmen*, por *D. José*, no romance de Merimée, um caso typico, sinistramente sincero, de paixão amorosa.

— Porque no amor, — ensina, — o elemento essencial é o odio tragico dos sexos...

Sem duvida, entre homem e mulher, quando passionalmente se approximam e quando se possuem, ha como uma resurreição de velhos impulsos ferozes, assalto e fuga, raiva e pavor, desejos de estraçoar a preza que se recusa ao sacrificio...

Isso e ainda outra nota admiravelmente apontada em poema de Leopardi e em conto de Rodembach: o principio de morte, a vaga intuição de morte, a certeza instinctiva de que cada posse é um fim...

— Porque, ensina o ultimo daquelles poetas, — entre o amor e a morte existem ignorados subterraneos que se communicam...

Uma mulher que tombe ensanguentada por um punhal ciumento, ou varada por uma bala em desaffronta de honra ou estrangulada num impeto de despeito assassino, revolve na consciencia do homem, sem que elle o saiba, todas as almas ancestraes que a constituem...

E' do destino feminino soffrer desses attentados. Delles depende muitas vezes a gloria da mulher, porque, sem soffrimento de amor, não ha lenda, nem poema...

As maiores heroinas da arte ou soffreram ou fizeram soffrer, e, no tragico reside a suprema poesia do amor.

Que pagina é superior á de *Francesca da Rimini*, na *Divina Comedia* ?

Nenhuma: como força ineluctavel, como fado, como sentido intimo de existencia, como culpa e redempção, como dôr e ventura, numa palavra, — como belleza, — os tercettos dantescos excedem, no tocante ao affecto, ao desejo e á posse, punidos, mas felizes na punição, todas as scenas de amor das outras literaturas.

Nem o mundo de Shakespeare possue semelhante grandeza.

Mas, cumpre observar que ali se trata do amor partilhado e que o *D. José*, tão admiravelmente ideado por Merimée e comprehendido por Bizet, amava delirantemente.

Sem sinceridade, sem espontaneidade, sem o desvario momentaneo da paixão, não ha poesia possivel nos crimes de amor...

Hoje, mata-se até por suggestão cinematographica e não nos referimos a esses dramas de manicomio...

No assassinio de mulheres, o que nos abala é a apparencia de fatalidade, é o imperio de uma lei superior a nós, que nos avassalle...

Causa-nos sempre revolta, por exemplo, a immolação de victimas femininas por causas alheias ao sentimento sexual.

Em politica, então !

Todo homem digno de si mesmo cultúa a memoria de todas as infelizes féra e infamemente sacrificadas por tyrannos sanguinarios ou pelas turbas em delirio.

Inspira-nos sympathia o martyr, se é homem, mas, se é mulher, o que lhe dedicamos é amôr.

Virginia, Cleopatra, Galla Placidia, Maria Stuart, Joanna D'Arc, Maria Antonietta, a rainha Draga, essas e outras, nós, homens, as adoramos.

Algumas foram ambiciosas, perturbaram outras a sorte dos imperios, a vida das nações, a paz das dynastias, mas, não olvidemos que todas eram mulheres...

O anarchismo contemporaneo tem violado as leis da nossa especie com os attentados a rainhas e princezas.

A que monta falar, ante um cadaver de mulher innocente, em idéas libertarias ?

O miseravel que prepara friamente e commette sem vacillar esses crimes está abaixo de qualquer ideal: é um monstro que deve ser supprimido...

Guys

A Sra. Antonietta Rudge Muller, grande pianista não só no Brasil como em todo o orbe civilisado, regressou a S. Paulo, onde reside. No proximo mez, attendendo aos insistentes convites de um grupo de jornalistas e litteratos, a excelsa artista tornará ao Rio para realisar um concerto.

As artistas e as modas

Mlle Régine Flory, de la Scala

MUTUALISMO

A Garantia Dotal

Ha uns annos passados quasi que ninguem comprehendia o mutualismo no Brazil. O povo brazileiro só conhecia o seguro de vida. Mas houve alguem que muito bem inspirado resolveu trazel-o, e o mutualismo foi sendo implantado de uma maneira brutal, e hoje póde-se dizer que é um collosso! De norte a sul, do Amazonas ao Prata, emfim em todo o Brazil existem milhares e milhares de caixas mutuas, Sociedades, etc. etc., e cada qual offerecendo mais garantias a seus mutualistas.

Entre estas está a «Garantia Dotal», Sociedade recentemente fundada e que em poucos dias já conta mais de oito mil socios inscriptos em todas as series.

Este numero de socios evidentemente demonstra a confiança illimitada que tem inspirado ao publico os seus Estatutos, e a probidade illibada de seus Directores, todos pessoas de reconhecida honestidade.

São seus Directores os Exmos. Senrs. Dr. João Carneiro, (Presidente) illustre advogado de nosso fôro; Coronel Miguel Barbosa Gomes de Oliveira, (Director Thezoureiro) capitalista e proprietario; major Philemont Athelan, (Director Gerente); e muitos outros, todos de reconhecida honestidade.

Os seus Estatutos foram approvados pelo Decreto n. 10.886 de 14 de Maio de 1914. Basta uma simples leitura de seus prospectos para se convencer das vantagens que offerecem as suas inscripções, devido aos seus planos obedecerem a calculos certos e indestrutiveis.

A Directoria desta novel sociedade resolveu fazer a sua inauguração official no dia 2 do corrente. Em presença de numerosa assistencia, crescido numero de associados e representantes de toda a Imprensa, foi solennemente instalada a sua séde social no luxuoso predio de 2 andares á rua da Carioca n. 16, sendo nessa occasião offerecido pela sua distincta Directoria uma lauta meza de doces, tendo havido ao champagne diversos brindes entre os quaes se destaca o feito pelo Dr. Carneiro da Cunha que em uma bellissima allocução causou grande impressão aos assistentes.

E, é tão grande a nossa satisfação ao darmos disso conhecimento aos nossos leitores, que não titubiamos em afirmar os nossos agradecimentos pela maneira fidalga com que fomos tratados pela sua Directoria.

EMANCIPAÇÃO FEMININA

Os derradeiros telegrammas da Inglaterra, dão noticia de um premeditado ataque das suffragistas inglezas contra o principe Henrique, filho do actual soberano do Reino Unido, e das precauções tomadas pela policia londrina para que de projecto não passe semelhante attentado.

Por outro lado, as revistas que nos chegam d'alem Atlantico vêm cheias das adhesões conquistadas á causa da emancipação feminina por uma loura e deliciosa *suffragette* que, inimiga dos meios violentos, põe em jogo todos os seus juvenis attractivos para obter as assignaturas masculinas para uma colossal representação ao Parlamento, em favor da causa feminina.

E emquanto isso, as mulheres mais praticas, desprezando esses direitos politicos que ao fim de tudo

Tambor municipal

pouco ou nada valem (e a nossa terra é o mais frisante exemplo disso, graças... emfim não diremos graças a que), vão aos poucos, sorrateiramente aqui, mais francamente acolá, invadindo profissões até agora destinadas exclusivamente ao sexo forte (não diremos barbado, porque tambem vae em sensivel progresso a depilação masculina.)

E' de poucos mezes o caso da viuva daquelle pharoleiro da costa ingleza, ilhada dias e dias com os filhos na torre de que o marido era guarda e que morto este repentinamente, continuou a desempenhar com o auxilio dos filhos toda a pesada e fatigante tarefa até que de terra lhe viessem trazer os mantimentos mensaes e enterrar o corpo do guarda morto; foi-lhe confiada a tarefa do defunto e até hoje, sem que haja qualquer reclamação, continúa ella a occupar o logar vago por morte do marido.

Signaleira

Recentemente a viuva de um guarda-barreira de Paris, morto do desempenho de sua funcção em virtude de desastre, foi nomeada para succedel-o. A photographia que publicamos nol-a mostra a dar passagem a um trem.

Em outra gravura, vê-se uma velha camponeza da França, encarregada de, por meio do tambor, fazer saber aos povos o que resolveram as autoridades municipaes.

A ultima, emfim, e a mais galante, é a de uma galante normanda que estabeleceu loja de barbeiro e cabelleireiro em um dos *faubourgs* de Paris e tem sempre a casa repleta de freguezia que, si não é selecta, é numerosa, de sorte que a rapariga não tem mãos a medir.

Barbeira

Ora ahi estão tres novas profissões abertas á actividade feminina.

As nossas patricias não se tentarão ?

INSTANTANEO

A' hora da missa na Matriz da Gloria

Para papeis de folhinha

O jogo não é um vicio ; é um habito, um habito vicioso.

*

Muitas vezes falta uma luva para a mão doente.

*

A redoma é o mosquiteiro das imagens.

*

Que importa que o céu não seja azul, si nós o vemos d'essa côr ?

*

Roma não se fez n'um dia. Tambem tinha que vêr...

*

O roto póde muitas vezes rir-se, não do esfarrapado, mas do bem trajado.

*

Quem chama ao dinheiro papel sujo, si fosse sincero, não mereceria possuil-o.

*

Tudo vai muito bem emquanto o bode expiatorio é bode mesmo.

*

A's vezes é bem duvidosa a superioridade que sobre os outros animaes confere ao homem o dom da palavra.

IGNOTUS

O Sr. Carlos de Magalhães, no sabbado passado, realisou uma conferencia no Theatro Phenix, discorrendo sobre o thema : *Com o amôr não se brinca.*

Folk-lore

Muito mais isto surprende
Do que um pé calçando luva :
Faltar agua numa terra
Onde ha tanto manda-chuva.

JOTA

Os amigos do tenente Sodré vão mandar reunir em volume, para serem distribuidos gratuitamente, como exemplos do puro classicismo cassange, os discursos pronunciados nas suas excursões politicas.

Essa obra vai receber o nome de *Caróços.*

A ALGA

No mysterio profundo e glauco do oceano,
Cercada da riqueza altiva dos coraes,
A alga bizarra estende as fórmas desiguaes,
Entre a flóra marinha ante o luctar insano.

Vive a vida feliz dos simples vegetaes
Esquecida do mar no mais rútilo arcano,
E nem siquer lhe chega o brado deshumano
Que em furia o oceano atira aos grandes vendavaes!

Na densa vastidão das aguas insondaveis,
Longe do azul do céu, no carcere profundo,
Não lhe péza a tortura intérmina do abysmo...

E olha, em róda, a mudez das cousas immutaveis,
Com a apathia sem par de quem passa no mundo,
Sempre dentro da treva e do indifferentismo!

M. Jacy Monteiro

No dia 23 de Julho, que por ser anniversario da morte de Silveira Martins é um dia de lucto nacional, os federalistas sul-rio-grandenses e os parlamentaristas brasileiros realisarão em honra do grande cidadão homenagens compativeis com a situação actual do nosso paiz.

Os exemplos de alto civismo e intransigente dedicação ás idéas com que Silveira Martins illustrou o curso glorioso dessa magna carreira que terminou com a morte no exilio, floresceram no coração da juventude gaúcha e os elementos federalistas, revigorados pelo sangue das gerações novas, assumem imponentes proporções que predizem a não remota victoria futura dos seus principios.

Quando o general Dantas Barreto era somente um pessimo litterato, quizeram, por motivos politicos, rebaixal-o a um pessimo administrador.

Agora, quando se verifica que o general Dantas Barreto é um bom administrador, ha quem, por motivos politicos, pretenda elevaI-o a um bom litterato.

A fleugma de herói

— Eu sou incapaz de perder a calma. Na bahia de Biscaia fomos uma noite surprehendidos por uma tempestade diabolica. A bordo reinava uma anarchia infernal. Eu, alheio inteiramente á afflicção geral, fiquei na minha *cabine* tremendo como uma vara verde.

OS NICOLÁUS

Pesas no bolso como na consciencia
Pesa o remorso. Que destino máu :
Eras prazer ; agora és penitencia ;
Tu és metal, mas, entretanto, és *páu*...

Encerras-te na esphera da incoherencia ;
Mais vaes do crescimento em alto gráu,
Promoves tua propria decadencia
O' cabuloso, ó triste *nicoláu*.

Tu mesmo has de ficar apalermado
Olhando, com a raiva mais profunda,
O desprezo fatal que te hão votado.

Mas, si «o que abunda nunca prejudica»,
Porque, com tua especie que hoje abunda
Solemnemente todo mundo implica?

V.

Sete felizes

N'uma cidade do interior de Minas, após a missa da manhã, apresentaram-se, já civilmente casados como exige a lei, tres casaes para completarem as suas uniões ante o altar.

O padréco que os casou, terminadas as cerimonias tomou o rumo de casa acompanhado por um amigo. Este ao vel-o a esfregar as mãos com radiante alegria, perguntou-lhe :

— Que alegria é essa, reverendo ?

— Hoje comecei admiravelmente o meu dia ; fiz sete pessoas felizes.

— Conte lá isso.

— Fiz tres casamentos.

— Uê ! então foram seis pessoas e não sete...

— Hom'essa ! você pensa que eu os casei de graça ?

A' porta do Paschoal

— Penso que todas as casas deviam ter um cachorro. E' um ser que não divulga segredos, não faz perguntas indiscretas, não chega tarde, está sempre a hora das refeições e está sempre disposto a ser acariciado.

— Sim ; mas, tem um grande inconveniente.

— Qual?

— Não sabe fazer differença entre as canellas dos amigos e as dos *cadaveres*.

INSTANTANEO

A' sahida da Igreja

O GYRA

(LENDA DA LÓCA)

«Minha filha! Minha Nossa Senhora dos Afflictos!...»

Atravessando o espaço enluarado, por alta hora da noite, perambulou no ar, como uma grande magua, aquelle grito de desespero.

Tive um certo pavor, porque estava em plena estrada sertaneja, por essa hora, deserta e quieta como um tumulo. Meu companheiro, o camarada, vinha atraz, tocando os dois animaes que traziamos a dextro, muito calado na sua posição humilde de subalterno, da qual elle se compenetrava ao sério; mas, ao ouvir, como eu, a imprecação feita áquella hora, naquelles sitios, a Nossa Senhora dos Afflictos, elle não se conteve e gritou de traz: «Patrão, espere um pôco!...»

Sofreei a pressa do animal, cujo instincto já farejava o pouso a menos de legua, dando, intimamente, graças a Deus pelo medo do camarada que assim o trazia para perto de mim a reconfortar-me do meu.

«E' o Gyra, patrão... Nem vi que nóis já tinha chegado na Lóca...é a cancèra das viaje puxada que nóis anda fazendo... Quagi que eu táva drumindo in riba dos arreio...

«O patrão é cria destas levadas, é por isso que não sabe quem é o Gyra, que Deus me perdôe si tô falando már... mais é assim que tudo o mundo conhece elle... Vamo passá ligêro, pruquê si elle enxergá nóis a nossa disgraça tá feita.»

Insensivelmente levei a mão á cinta e apalpei o cabo do revólver a ver si elle ali estava para o que désse e viésse.

João Caboclo que me attentára para o gesto, acudio pressuroso: «Nem pense nisso, patrão; nem pense em matá o Gyra! Só ansim vancê ia pará no inferno direitinho; o tinhoso nem esperava vancê morrê: vinha li buscá vivo mêmo.»

E persignou-se o bom do João Caboclo, caipirinha muito sério e muito sensivel que nascêra nas margens do Rio Verde e se criára ali mesmo pelas cercanias, percorrendo villas e arraiaes do sul de Minas, ao serviço de passageiros que não fossem muito para o interior. Quando a viagem era longa, elle se recusava sempre, ainda que lhe offerecessem bons jornaes, dizendo: «Qui! temo um feijão cum farinha, o meu burro, uma tapéra e a muié, tá tudo muito bão... eu não perciso de dinhêro... E' só cumê, morá e querê bem... Pio nois não tem!...»

Persignou-se o pobre do João Caboclo, por ter falado no tinhoso, de mais a mais tão tarde e em tão silencioso deserto e continuou em seguida:

«O Gyra é coroné. Elle éra mandão lá da cidade e éra o pai da pobreza... Tudo o mundo quiria bem a elle e fazia o que elle quiria... Mais derepente nasceu ôtra pulitica: dahi garrô na cidade um diluvio de marquerença e de dis-que-disse, inté das moça sortêra e das dona... Nas inleição sahia tiro e éra só trabuco, faca e cabo de rêio incastuado que a gente via ao redó da igreja e da casa da cadeia... O ôtro coroné já fazia uns par de anno que trabaiava prá ganhá as inleição, mais quá! não havia geito: os votante votava quagi tudo no Gyra...

«Foi indo, foi indo, elle ficô ingirizado e assentô de matá o Gyra; chamô um matadô da banda das Arara, tramô co'elle a massada, deu pr'elle um burro bão, e um dia... Foi no iscurecê... não havia nada na cidade e ninguem esperava nada. O coroné tava passeiando na frente da casa cum uma fiinha de dois anno, nus braço, a brincá cum elle... Derepente foi um estrondo que pareceu que foi um mortêro que arrebentô, ô arguma roquêra... E logo im seguida em todas as esquina se uvio um grito qui nem esse qui nóis uvio agora mêmo: — «Minha filha! minha Nossa Senhora dos Afflictos!...» Tudo o mundo correu prá casa do coroné e acháro elle c'o peito tudo lamiado do miolo e do sangue da fia qui tinha murrido... Elle bejô muito a criança, chorando qui nem lôco e disse dum geito de cortá o curação: «Vocês já viram?... Mataram a Mariinha!...» Tuda a gente qui tava ali, garráro a chorá, tanto qui nem viro o coroné deitá u difuntinho na cama e sumi... Elle sumio e hoje é esse Gyra que anda batendo esses capão aqui das redondeza da Lóca, amoitado de dia e passiando di noite, quando é noite de lua, pr'a gritá desse geito, coitado!... Que Nosso Sinhô dos Passo tenha piedade d'elle!... Diz' que elle não qué mais vê gente, mais qui quando vê arguem, amardiçôa, róga praga nos home... E praga de curação cortado péga mêmo, patrão... é mió nóis tocá mais...»

NATHANIEL PEREIRA

Manda-se aos salões arrasar a reputação de alguns escriptores, congrega-se elementos subterraneos para feril-os, procura-se cavilosamente interessar desprecavidas senhoras numa questão opposta ás delicadezas frageis do sexo bello, atira-se picuinhas escriptas e murmuradas sobre muitos homens de lettras e quando as pessoas alvejadas oppõem a natural reacção, grita-se que o director da infame campanha está muito doente e deve ser respeitado! ?... Os doentes ficam na cama, não se atravessam no caminho dos homens validos...

FEUILLETS PRINTANIERS

De Paris, Juin, 1914

Souriant et radieux, Juin vient de faire son apparition.

Il réjouit les coeurs, il allume des feux dans tous les yeux, il auréole aussi joliment le front pensif, abri de doux souvenirs qu'encadrent des cheveux argentés que le front, rempli d'illusions et d'espoirs, et qu'encerclent les bandeaux noirs ou blonds.

A la campagne le soir, alors que la nuit s'avance, paisible et mélancolique tandis qu'une lune silencieuse répand sa clarté opaline, il est doux de s'accouder à une fenêtre et, tout en admirant la nature endormie, à souger, à rêver, à méditer, à s'exterioriser pour jouir, pendant quelques instants, d'une vie irréelle, pour oublier un peu gens et choses, tristesses et larmes en contemplant d'un oeil ebloui les étoiles scintillantes illuminant un ciel mystérieux.

Qui de nous n'a pas éprouvé ce charme particulier qui pénètre jusqu'au fond de l'âme et qui enveloppe d'un nuage épais toutes les petites misères humaines? Ce moment ineffable ou tout le prosaisme de la vie s'anéantet, qui de nous l'a pas posted ?

Qui de nous n'a pas été éune devant ce grand et sublime spectacle de la nature endormie qu'aucun mot ne peut traduire, qu'aucun vers ne peut chanter, qu'aucune musique ne peut accompagner ?

Qui de nous, enfin, n'a pas été profondément attiré vers ce mystère impénétrable qu'est le ciel, vers cette énigme décevante, qui jamais encore n'a été absolument dévoilée ?

Et cette vision d'une nuit de Juin, n'est-ce pas un peu la vision de notre vie, à nous autres, femmes ?

Sommes-nous vraiment connues, même par ceux qui nous aiment ?

Le meilleur de nous-mêmes n'est-il pas aussi mystérieux et indéchiffrable qu'un ciel étoilé ?

Ne paraissons-nous pas plutôt des poupées, des mannequins frivoles des bibelots, décoratifs tandis que nous sommes capables de dévoûment et d'héroïsme, d'énergie et de courage, de tendresse et d'abnégation, de sitiee et de resignation ?

Et n'est-ce pas aussi notre rôle d'être auprès de l'homme soleil étincelant et brutal, cette pâle Phœbée que glisse argentée et silencieuse entre les nuages épais et sombres de la nuit, et qui, souple discrête, passe, répandant sa clarté maternelle comme une vigilante gardienne et qui semble sourire, d'un sourire tendrement ironique et comme un peu blessé, (oh, une simpre ègratignuro), en regardant la terre lourdement ensommeillée.

Doucement, dans l'ombre, on aime à chuchoter les si jolis vers de Victor Hugo qui décrivent bien l'etat d'âme special, une nuit de Juin, alors que

L'été, lorsque le jour a fui, de fleurs couverte
La plaine verse au loin un parfum enivrant;
Les yeux fermés, l'oreille aux rumeurs entr'ouverte,
On ne dort qu'à demi d'un sommeil transparent.

LUCE HEULER

Modas — «Le vrai et le faux chic»

— Sim, ella veste os mais lindos vestidos, mas ninguem ignora o cheque que o marido falsificou.

— E' exacto. Todo mundo conhece a historia do *Le vrai et le faux cheque.*

EPHEMERIDES

1896. Domingo, 5. — Em São Fidelis é destruida a typographia do jornal «A Luta.»

Pobresinho! Deixou afinal de lutar!

1871. Segunda-feira, 6. — Fallece na Bahia o poeta Castro Alves.

Teria sido de primeira classe e por conta do Estado o enterro?

1877. Terça-feira, 7. — Inauguração da E. F. do Norte de São Paulo.

Alguns fazendeiros começavam a comprehender que o transporte do café podia deixar de ser feito em costas de burros.

1826. Quarta-feira, 8. — Nasce no Rio de Janeiro o repentista Laurindo Rabello, por antonomasia poeta Lagartixa.

Logo ao nascer *improvisou* um berreiro damnado; não subiu, porem, pela parede como fazem as suas homonymas.

1889. Quinta-feira, 9. — Carlos Gomes traz ao Brazil a sua opera «O Escravo.»

Era uma boa *peça*, a que o publico deu o justo valor.

1898. Sexta-feira, 10. — Na Capital Federal é lançada a pedra fundamental do edificio do Club Naval.

Que por signal já não abriga o Club Naval, hoje erecto sobre outra pedra fundamental.

1866. Sabbado, 11. — A vanguarda argentina é atacada pelos paraguayos em Itahycorá, sendo estes repellidos.

Hoje parece que tambem tudo os une, nada os separa.

F. HÉMERO

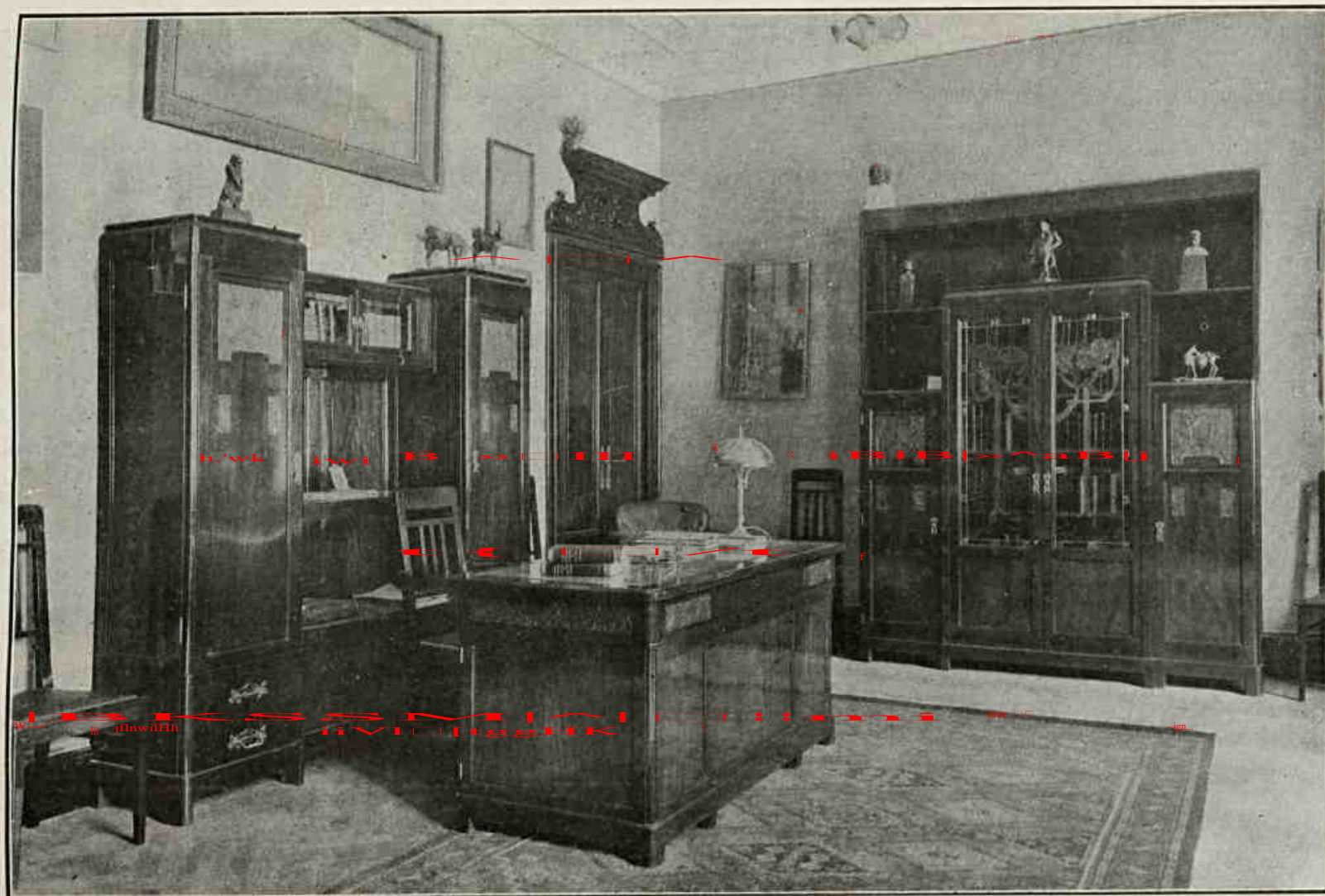
Folke-lore

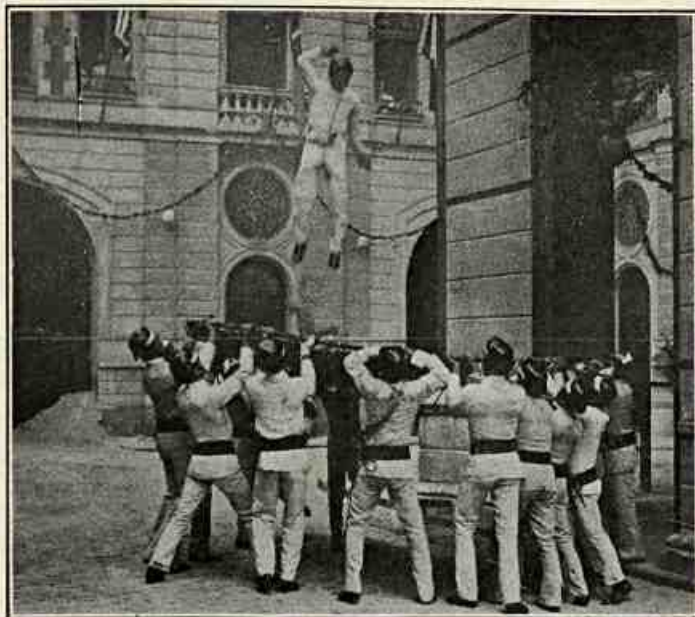
Academia de lettras,
Si a medico abres as portas,
Não será para assombrar
Que vejas as lettras mortas.

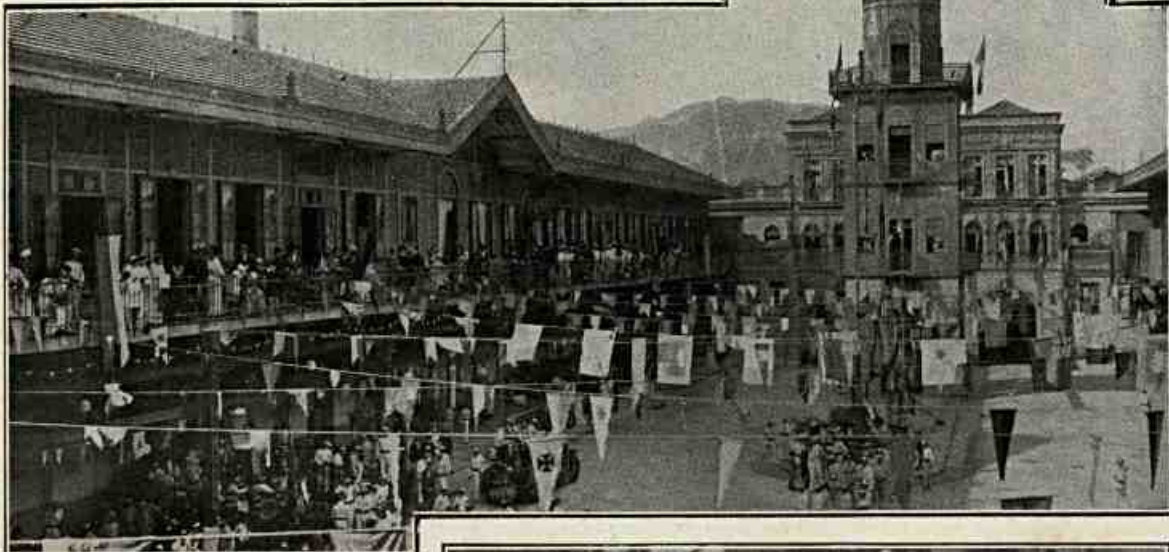
JOTA

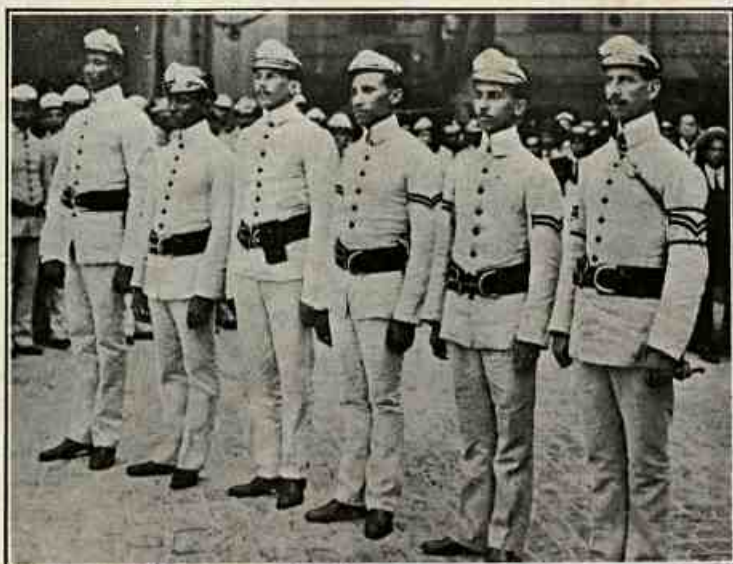
Observação dum italiano de ouvido afiado a onomatopéas:

— I brasiliani parlano come le campane, certe volte; perciò dicono:

Tem, tem, não *tem*, não *tem*...

QUE IMPORTA que V. Exa. tenha sua casa mobiliada se os seus moveis e tapeçarias não apresentam o CHIC nem o CONFORTO dos que sahem das nossas officinas ?

Leandro Martins & Comp. — Ourives Ns. 39 - 41 e 43

* * * Si ha quem faça guerra de alfinetes ao Dr. Antonio Austregesilo, certamente não figura entre os redactores da *Careta*, os quaes têm combatido a candidatura Austregesilo com os livros do Dr. Austregesilo, transcrevendo-lhes interessantes trechos, sem o menor commentario. Fazer guerra de alfinetes é, talvez, intrigar um dos candidatos com os eleitores, como se fez, na segunda-feira, com o Sr. Gilberto Amado.

Festa annual do Corpo de Bombeiros

I — Um bombeiro cahindo de grande altura sobre a rede sustentada pelos outros.
II — Aspecto interior do palacio dos bombeiros.
III — Os vencedores dos concursos do dia.

O general Cypriano de Castro, o dictador que a perfidia do actual dictador venezuelano expatriou, anda errando de paiz em paiz, de todos expulsos como uma féra de homicidos instinctos indomaveis. Os povos cultos repellem esses sinistros bandidos que circumstancias excepcionaes elevam ao poder, em que se revellam indignos e ineptos.

O SERENISSIMO COPISTA

A *Folha do Amazonas*, que se publica em Manáos, em seu numero de 5 de Junho, publicou a interessante carta dirigida pelo principe plagiario ao Dr. Coelho Cavalcante e na qual o pretendente lisamente confessa ignorar a lingua á cuja gloria se consagra a Academia Brasileira de Lettras.

Eis a nobre carta de Dom Luiz Copista :

«Boulogne-sur-Seine — (Seine) — 1º de maio de 1914.

Prezado Dr. Coelho Cavalcante

Tendo encontrado na FOLHA DO AMAZONAS a sua primorosa critica do meu livro «Sob o Cruzeiro do Sul», não quero deixar de lhe enviar os meus mais cordiaes agradecimentos não só pelo lisongeiro conceito que o senhor faz da obra original, como tambem pelo muito que me aproveitou a parte relativa ás deficiencias da traducção portugueza. *Errare humanum est*. E' bem possivel que a prova que eu quiz dar de meu patriotismo tenha sido contraproducente. Tanto o meu collaborador como eu vivemos muitos annos na Europa e isso explica até certo ponto, como diz o senhor, os delictos de lesa-vernaculidade que commettemos. Devo aliás dizer-lhe, para a nossa defeza, que, concluido o trabalho, ficamos ambos pouco satisfeitos e só o mandamos ao prelo cedendo ás instancias de varios amigos que o conheciam. Será uma lição para o futuro. O triste resultado de um anno de labor continuo mostra-me que ainda tenho muito que aprender para tornar-me digno de manejar *corum populo* o meu bello idioma. Infelizmente para familiarisar-me com elle terei de esperar que as portas da Patria sejam abertas e isso não sei quando se dará. Entretanto, se o senhor poder dispensar o exemplar que annotou, peço-lhe que m'o mande para a minha instrucção.

Acceite as mais affectuosas saudações do patricio e amigo grato.

LUIZ DE ORLEANS BRAGANÇA.»

Desculpa de um páu d'agua

Um páu d'agua chronico, morador em Cascadura, em pleno *estado normal*, explicando-se a um amigo que o reprehende pela sua intemperança :

— Mas, escuta ; isto é uma fatalidade. O anno passado, tu te lembras que eu tinha um cavallo que minha mãe me obrigou a vender porque tinha o mau habito de parar em frente de todos os botequins e tavernas e não havia meio de o fazer andar, emquanto eu não entrasse e sentasse para descansar um pouco. Este anno comprei uma bicycletta e, não é que o diabo da machina tem o mesmo costume do cavallo ? !

* * *

A molestia das chagas

— O Bastos Tigre devia ser processado pelo Instituto de Manguinhos.

— Porque?

— Foi muito ousado... Levar para o meio de tanta gente o "Microbio do amor"!... Imagine si o mal começasse a grassar em plena sala...

Conferencias literarias de 1914

O BELLO E O FEIO

POR

Alcides Maya

— *Vivei felizes* — aconselha Rabelais ao abrir «*La Vie très horrifique du Grand Gargantua, père de Pantagruel, jadis composée par Alcofribas, abstracteur de quinte essence, livre plein de pantagruelisme...*» que

....

«Mieulx est de ris que de larmes escrire
Pour ce que rire est le propre de l'homme.

Delle e de outros animaes... Depois do grande genio da Renascença franceza, veiu Darwin e demonstrou, com o auxilio de photographias e de copiosas notas scientificas, não sermos os unicos possuidores felizes da faculdade de rir; appareceu em seguida Spencer e definiu physiologicamente o riso, descarga de saúde excesso de vida, segundo ensinou, e que, assim como em nosso organismo se manifesta, assim tambem em outros de varia especie poderá patentear-se.

A definição rabelaisiana, apezar disso, não se nos antolha destituida de verdade: muitos animaes riem; mas o homem é o que sabe rir, o que tem a consciencia do riso, a noção clara da sua causa, a percepção immediata do seu objecto. Nos irracionaes, elle não passa de ligeira contracção physica, é um rictus instinctivo. Os homens apprenderam a rir com a alma...

Do riso ao sorriso — porque não resumirá um sociologo nesse titulo a nossa evolução? Da alegria adolescente que assignala as idades primevas ao scepticismo de hoje, todas as luctas humanas, victorias e derrotas, esperanças e desenganos, penas, jubilos, impetos grosseiros, extases delicados, a poesia feroz do instincto e a poesia aligera do sonho, concepções do mundo e da vida, principios ethicos, tudo se reflictiria em tal synthese. Porque o riso é uma superioridade organica que a si mesma se reconhece, um equilibrio que se affirma, uma harmonia que se defende, um egoismo que se revela triumphante, uma crença, a força ou a illusão da força, em face da fraqueza, a belleza ou a illusão da belleza, diante do imperfeito, a vingança das leis inflexiveis da nossa natureza offendida pelos desvios ou pelos defeitos organicos, ao passo que o sorriso é a espiritualisação amarga e triste da risada, conseguindo exprimir com frequencia as proprias dôres que outr'ora se crystallisavam na lagrima. O joven ri, o ancião sorri; nas civilisações alicerçadas em doutrinas ingenuas e saudaveis o soldado ri, o sacerdote ri, ri o escravo; nas de analyse, de anciosa interrogação, de escombro moral, como pequenina serpe, a collear traiçoeira, enrosca-se o sorriso a todos os labios finos...

Dante, cuja legenda, ao portico do *Inferno*, é a negação tragica da de Rabelais (despedi-vos da esperança...) percorreu sem um sorriso os circulos da dôr humana. Tel-o-ia feito, se fôra nosso contemporaneo?

Confio a resposta á consciencia do auditorio... O que desejo notar é a origem e a significação do riso, — commoção desdenhosa que sentimos ante os frustrados, commentario cruel, instinctivo, á feialdade. Todavia, ha o riso de Deus e o riso do Diabo. O *Vulcano*, de Homero, no banquete magnifico do Olympo, excitou a alegria dos immortaes, expressa num riso alto e sonoro, que, ao reboar, pareceu ao poeta o cavo som de bronze soberano do céu; mas, succederam-se os seculos e, um dia, o gargalhar de *Mephisto*, heroificado symbolicamente pelo éstro de Goethe, accordou na bruma de velho burgo da Allemanha, somnolento de lenda, o espirito do novo tempo.

Naquelle timbre, era a nossa alma que vibrava...

O accento de revolta militante passou, não subsistiu a estridencia heroica que sublimava a musica rebelde, os rhythmos do mal, o desafio da treva á altura constellada, mas fria e indifferente á nossa miseria, passaram as grandes ameaças, filhas do genio do homem, crente em si mesmo, semeador de esperanças, creador de epopeias, productor de fecundas renovações. Melancholicos, conservamos apenas da cruzada titanica a arfagem dos peitos vazios de coração, os olhos sem resplendores de ideal, e o sorriso...

Isto significaria que vivemos um tempo em que o feio predomina sobre o bello, se não fôsse certo que o conceito de belleza e a impressão de feialdade, méramente subjectivos, mas especificamente necessarios, acompanham parallelos o nosso pensamento e o nosso sentir. Todas as épochas, inclusivé as de decadencia, — as tristes, — têm o seu ideal de belleza, que digo? — são ellas justamente as creadoras sabias, requintadas, subtís de belleza. Correspondentemente, as imperfeições avultam em cortejo ridiculo nas sociedades cultas que vacillam, nas civilisações gloriosas que agonisam, entre os homens que preferem a vertigem do gozo ao vágado pruduzido pelos pensamentos de duvida. E' nessas phases crepusculares que os entes e as cousas, a exemplo do que succede em todos os diluculos, destacam mais nitidamente recortados sob o céo bem chromatisado, e sobre a terra envolta na primeira vaga ameaça de sombra... Então, o ideal é como o sol que tomba, a decompôr-se em magnificas combinações espectraes, astro que vae morrer, mas cuja imagem, alongada e colorida pela prisma da phantasia saciada e desenganada, espalha através de tudo, glorias já vividas, derradeiras esperanças, amores que passam, fortunas, desastres, instituições, templos, palacios, fortalezas, o supremo encanto da luz em despedida. Nunca a realidade parece tão real quanto nesse instante, em que as fórmas têm o molde exacto da imaginação sequiosa de eternidade e certa do ephemero, em que a natureza ganha o sentido symbolico que lhe emprestamos, e os proprios deuses, tratados com leve desdem carinhoso, numa saudade de lenda, passam a existir dentro de nós mesmos... E se o homem interroga o destino, sorri ou ri dolorosamente, — revel, mas adorando as suas fragilidades, — velho amoroso de idolos que despedaçou um dia e cujos fragmentos dispersos ergue do solo na tarde seguinte.

Porque sorrimos?

Gabriel Tarde, o sympathico philosopho da *Opposição Universal*, diz que julgamos sublime uma cousa que seria feia se fôra pequena e, vice-versa, que julgamos feia uma cousa que seria sublime se fôra grande. Imaginae uma ravina elevada ás dimensões de garganta alpestre, de cratéra vulcanica: approximar-se-ia da sublimidade. Pensae em um Napoleão lilliputiano, insular, reduzido: esse pequeno ser agitado e raivento seria grutesco.

Será verdade ? Não.

Um barranco poderá não ser sublime, não sendo grandioso, pois sublimidade implica grandiosidade; mas, será sem duvida bello mercê de certas circumstancias, por exemplo, da sua linha de recortes, ou de um filête de agua a tombar de cima ou de uma arvoreta balouçando á borda, sob um raio de sol, a fronde verde. E, de outra parte, uma garganta alpestre poderá não ser bella, desolando a alma de quem n'a vê pela sua aridez, pela sua aspereza. Que representa, estheticamente, a grandeza diante da harmonia ? Uma collina da Arcadia, apezar de pequena, considerada de per si só, dará ao artista uma impressão de perfeita curva regular a desafiar a brutalidade de todos os Chimborazzos. Nas cordilheiras, valem as massas, arrebatando o pensamento para o além; mas, não olvidemos que foi de uma leve eminencia que Rénan entôou o seu hymno á Acropole. Qual é a belleza suprema da terra ? qual, a nossa medida de belleza ? A mulher: um sêr pequenino... Se argumentassemos como Gabriel Tarde, uma cascata só teria belleza se possuisse a altura e o volume do Niagara; um rio, se fôsse qual o Amazonas ou o Mississipi, e assim por diante.

Evoquemos a Napoleão na ilha de Santa Helena, fitado por um caricaturista (a caricatura é a esthetica do feio): se o heroe assumira attitude arrogante, fôra ridiculo, não por apparecer em redução, como o representa o publicista francez: Zeuxis fez um Hercules de um palmo e esse trabalho reveste a feição de força e de coragem do semi-deus hellenico; não por apparecer lilliputiano e, sim, pelo contraste do genio com os recursos momentaneos de acção, prestar-se-ia o Imperador ao escarneo.

Em tal caso, porém, o grande capitão só excepcionalmente seria objecto de ridiculo. Bonaparte vencido, soffredor, tombado, é poetico, epico, tragico e contará como artistas a Manzoni, Victor Hugo, Gonçalves de Magalhães, Varella, Castro Alves, jamais Daumier, ou Gavarni, ou Sem...

Mas, Gabriel Tarde pensa que o sentimento do sublime é invariavelmente uma surpreza admirativa e o riso, uma surpreza desdenhosa, no puro sentido do desdém animal. Já estudámos alhures o assumpto: nem sempre existe no riso um prazer de vaidade, nem sempre, na essencia do sublime, apparece um pezar de humildade, mixto de admiração pela força alheia...

Lembro a proposito um pensamento de Pascal, em livro que sobremodo admiro: — Aquella montanha, que se me impõe pelo vulto, poderá esmagar-me; mas eu serei maior que ella; saberei que me esmaga, e ella, não.

Onde, a humildade do homem ante a grandeza que lhe arrebata o pensamento e que, — pensando, — elle consegue medir, envolver, assoberbar, reunir no cerebro como um facto a milhares de factos ? Se não existe ridiculo e ridiculo, porque até quando inspira pena, o ridiculo é desprezo, ha, consoante vimos (e, em versando o bello e o feio, chegámos ao coração do assumpto), riso e riso.

Decerto, somos o animal que sabe rir...

Notae o riso sympathico, o do amigo em amplexo, o do despeito, — disfarce covarde de humildade que se denuncia no fôro interior. Quantos matizes! que variedade artistica de expressão subjectiva! A fraqueza que a si mesma se observa, a zombaria que abrolha da nossa miseria, o sarcasmo que se géra na nossa instabilidade, a satira que vem do reconhecimento do nosso ridiculo humano, o vilipendio que irrompe, faminto de victimas, da intelligencia que se confessa miseravel, tudo isso, o riso de hoje exprime, consagra, victima e exalça, por vezes. Porque o lembro ? — Lembro-o para chegar á minha these sobre o bello e o feio. Elles dependem de nós mesmos...

A natureza não é bella, nem feia: *existe* — eis tudo. Como, porque ? — Ninguem sabe, ai de nós! ninguem poderá jamais saber. Todo homem, por exemplo, é sensivel á harmonia das curvas: a curva preside á elaboração das impressões, dos sentimentos, das ideias; quando a architectura concebeu a columna, attingiu ao perfeito; a abobada, projecção da esphera, é uma curva que se desenvolve, idealisando-se; a mulher, physicamente, é uma obra-prima de curvas que se combinam.

Mas, não será a curva uma suggestão humana ? O Universo (é o grande Herschel quem nol-o diz) não tem a fórma circular que, dado o condicionamento dos nossos orgãos, lhe attribuimos. E' possivel que elle seja uma espiral gigantesca, vertiginosa... Evitemos o assumpto.

No dominio, que escolhemos, de méra cogitação esthetica, será licito dizer que belleza e feialdade são duas illusões, coordenadas logicamente, de accôrdo com as leis que nos regem. A principal, embora intrinsecamente incomprehensivel, como as outras, é o amor, a dualidade sexual, a attracção genesica. Não entraremos pela metaphysica; mas é um facto que, sem o impulso imprescindivel á perpetuação das especies, a natureza não teria aos nossos olhos um sentido claro, nem seriamos sensiveis á belleza ou á feialdade. Ambas nascem das associações de ideia que nos dominam, e não causará extranheza a affirmação de que variam segundo o tempo e o meio.

Vêde, por exemplo, como se modifica na historia a esthetica feminina'

Os Athenienses consideravam formosa a donzella de corpo fragil e quasi uniforme, tanto que as mães preparavam ás filhas espaduas baixas, diminuiam-lhes o peito por meio de ataduras (uso continuado em Roma) sujeitavam-nas, para as emmagrecer, a forçada abstinencia, tornavam-lhes os corpos afilados como juncos.

«*Reddunt curatura junceas*», segundo Terencio, commentando Menandro.

A fronte pequena e estreita e a reunião das sobrancelhas, juntando-se-lhe ao meio: eis outro traço celebrado pelos poetas antigos, entre elles, Horacio, Petronio e Marcial. Na Idade Media, a mulher era uma fórma alvejante entre armaduras ferreas, alma em flor, a despetalar-se solitaria no torreamento dos castellos, no silencio dos monasterios, á sombra das naves, fórma tenue, imprecisa, alma contida e desdenhada... Saltemos os seculos.

Demoremos numa phase de requinte. Na côrte de Luiz XIV, modificou-se o ideal antigo, arredondaram-se as curvas da mulher e, a despeito da critica celebre do cavalheiro Marini, affirmando, a proposito do seu chapeu de Lião, «capaz de causar inveja ao do rei de Marrocos»: «tudo neste paiz é pontudo, vestes, roupas, cerebros e até o tecto das casas», podemos dizer que as damas de Versailles, as grandes damas, familiares de Condé, de Turenne e de Colbert, devotas de Bossuet e de Bourdaloue, enthusiastas de Corneille, de Molière e de Racine, frequentadoras dos salões onde ao ultimo soneto de Benserade se alliava, para o brilhantismo dos serões, o ultimo epigrama de Scarron, soberanos da Europa e do mundo pelo gosto, essas eram redondas... Penso que foi para o destaque feminino entre os marmores multicôres do Trianon ou nas galerias soberbas do palacio do Rei-Sol, que nasceu a industria dos «enchimentos» de algodão: por entre rendas finas, afoufadas intencionalmente, floresceram ali os mais opulentos collos da terra; e, a fim de augmentar a impressão de curvatura, appareceu a saia curta e bojuda.

O colorido do rosto, predicado querido em belleza, variou tambem ao tempo: por meios chimi-

cos, as senhoras faziam desapparecer o roseo tradicional da face gauleza. A tez marmorisou-se, as cabeças empoaram-se.... Vê-se bem que a moda por vezes confirma a lei nietschean do *retour*. Quantas perucas brancas, contrastando com o viço do semblante, embellezam hoje os nossos salões! E, infelizmente, voltam ao vestuario os pannejamentos excessivos, encobrindo insidiosos as linhas mais bellas do corpo feminina.... O collete *devan-droit* acabára com a mulher-vespa, de cinta quasi cortada pelo antigo espartilho; desapparecera a esveltez rectilinea, substituida pela graciosa inclinação do busto, pelo arqueamento do dorso, por um constante lapso para a frente. Agora, a tendencia é opposta: a mulher triangula-se a seda e a renda, esconde a cintura sob os tecidos amontoados e desdobrados, encurva-se para traz.... A saia, porém, continúa travada, diminuindo o passo, lembrando a cada instante a possibilidade de uma queda e a impossibilidade de fugir, e pondo a mulher apparentemente á mercê do homem.... — effeito, digamos entre parenthesis, obtido pelo chinez quando deforma o pé feminino....

A conclusão é que a mulher de uma éra, de uma sociedade, de um simples grupo social, não só pelo vestuario, pelo penteado, pela moda, em summa, parte secundaria nestas questões, mas ainda pelo jogo das linhas physicas e pela expressão — ponto essencial — póde contrariar o ideal de outra epocha, de outra raça da mesma epocha e de outra classe da mesma raça. Logo, ha muitos typos de belleza, ha, pois, varios criterios estheticos, e, se entre elles existe opposição, baseia-se antes num modo de ser particular que num principio abstracto.

Como responderieis, senhores, se eu vos perguntasse que typo de mulher amaes?

As louras, de grandes olhos de sonho, face alva de lyrio, elegancia fria de walkyrie mal pisando o solo? as morenas, de côma á Sulamita, profundos olhos negros torpentes, perfil seductor dos paizes de sol, semelhando no esplendor adusto do seu corpo bruno a uma divindade dos bosques e da terra? as altas, airosas, de uma gentileza serpentina, quasi pervias á luz e que, a cada passo, produzem a illusão de que vão fugir para o grande espaço azul que as circumda? as baixas, as pequeninas, que, por onde perambulam, deixam ao réz do chão um rastro indefinivel de borboletas trefegas, poisando em flores? a mulher bem desabrochada, na pompa de todos os seus encantos, ou, tão outra! a mulher em botão, a menina que se faz moça, com uma timidez de petalas que recebam pela prima vez a caricia da manhã?

Consultae a galeria de bellezas dos poetas e dos escriptores: todas estão representadas.... Victor Hugo, Balzac, Lord Byron, Flaubert, Verlaine, Baudelaire, Mallarmé, esses e outros conceberam e pintaram a mulher, em differentes encarnações de bello. Não citarei o caso ideal de *D. João* no seu avatar através das literaturas; mas, entre os poetas presentes, fornece-me um precioso documento para affirmar a multiplicidade da belleza e a correspondente capacidade de éstro poetico: Olavo Bilac, o grande artista, que operou o prodigio de cantar no mesmo soneto varias mulheres, confessando ao termo que não conhecia o amor....

E evitemos este prisma: o amor, como se diz, é cégo.... Horacio, nas *Satiras*, livro I, affirma que um amante, em certos casos, fica tão apaixonado que, longe de vêr as deformidades da amada, converte-as de phantasia em outras tantas perfeições; Propercio agradecia a Cynthia a pintura do rosto, que lhe dava a illusão do brilho da aurora; Luiz XIV idolatrava *La Vallière*, côxa; Baudelaire celebrou a fascinação exercida sobre os seus nervos doentios por uma beldade negra e tambem a uma preta, a escrava Barbora, commemorou Camões, dizendo que a neve mais pura lhe invejára a côr....

Devo notar que, á distancia de seculos, approximo umas de outras certas heroinas de poema. A *Beatriz*, a *Laura*, a *Catharina* assemelham-se no retrato intimo que me inspiram e parecem-se com ellas, se as evoco, todas as *Elviras* do romantismo.

Sem falar na estatuaria, na musica, na pintura, posso dizer que, na apreciação da belleza, é tão verdadeira a sensibilidade de cada um, entendendo mysteriosamente com elementos sexuaes, que um escriptor já sustentou imprudentemente que as mulheres adoram os monstros.... Balzac analyzou o caso em novella celebre, e, entre outros exemplos, numerosos, desde as *Mil e uma Noites*, em que vêm descriptos os amores da fada com um asqueroso preto, até ás creações da arte moderna, deparamos em Victor Hugo, na *Lenda dos Seculos*, uma peça, *O Satyro*, em que Venus, antes de saber que estava em presença de Pan, julga bello o hediondo ser que todo o Olympo, a grandes gargalhadas, escarnecia.

Conheceis o poema. O satyro, fórma escura de paúl, concretisação do limo, vivia ás fraldas da montanha sagrada, a perseguir de fonte em fonte e de moita em moita, por collinas e prados, o sonho de belleza que lhe boiava nas pupillas pardas, objectivasse-o uma nympha de alvo corpo e flavos cabellos, ou uma flôr abrindo aos raios do sol, numa clareira perfumada, a corolla de ouro, ou o murmurejo das limfas querulas ou ainda as fórmas animaes esveltos e veloces e as arvores mordidas de luz. Um dia queixaram-se delle; invadiu-lhe Hercules a caverna, levando-o a força á mansão dos deuses; e, lá, era de vêr o contraste de todos aquelles sêres perfeitos, immortaes, com o filho obscuro da vasa. Amanhecia; iam partir os cavallos de Phebo; ao poente, desdobravam-se ainda as ultimas faixas de treva, betadas aqui e ali pelos primeiros clarões; mas das bandas do levante, quente e fulva, irradiava a poesia victoriosa do dia; e a quadriga dourada trestolegava impaciente, prestes ao galope das nuvens. Armas lampejantes ao sol que nascia, fontes marmoreas espelhando as figuras divinas, Jupiter, os deuses resplandecentes, as deusas cheias de graça, uma alegria indomita a envolver tudo, era assim o Olympo quando Hercules atirou perante a divina assistencia o misero satyro. Orderam-lhe por zombaria que cantasse e elle pediu uma flauta e lançou o seu hymno. Cantou a alma das florestas, dos rios impetuosos, do oceano; o vento, o fogo; o amor, a acção, a esperança; a terra; o homem grutesco e grandioso. Todos eram contra elle, todos riam; mas os seus olhos, a principio humildes, agora chispeantes de desafio, procuraram os de Venus e Venus exclamou rendida:

— Como é bello! —

Em arte, o symbolo, no hommem, o sentimento, a impressão, como dissémos, as associações de ideias, podem tornar a fealdade radiante. Ha quatro scenas no drama de *Rostand* (e appello para a consciencia de todas as mulheres) em que *Cyranno de Brgerac* surge transfigurado, formoso, no grande sentido da palavra: o duello, a conversa com *Le Bret*, o baicão de Roxane e a morte do heroe. Ha uma passagem em que o *Alceste*, de Molière, deixa de ser o esquisitão que provoca riso, como representante grotesco da misantropia, e agita sympathicamente o leitor ou a plateia, tornando-se uma figura dolorosa, — não já de comedia, — de alta tragedia — porque resume as dores do hommem bom, victima inconsciente da sorte: é o dialogo celebre com *Celimène*, verdadeira maravilha de composição literaria, aberta com uma timidez comica, resumindo em torno do amor todos os sentimen-

tos da peça e desfechando em pura commoção. E *Celimène*, a requestada, a requestadissima *Celimène*, a voluvel, a volubilissima *Cêlimène!* teve o seu minuto de Venus diante do Satyro. Ah! naquelle momento, ella vibrou, como todas as mulheres vibram quando sentem a superioridade commovida do espirito masculino... pois, para ellas, todos os heroes são bellos e são bellos todos os poetas... Quem, dentre vós, minhas senhoras, acharia feio Camões ou Dante, Lord Byron ou Leopardi? Por outro lado, quem dentre vós, senhores, não julgará formosas todas as mães, todas as noivas, todas as patrias, todas as batalhas? Ha uma fidelidade com que, nós, homens, contamos sempre: a das nossas illusões de belleza ... A força é bella, a coragem é bella, o talento é bello; é bella a dedicação, bello, o arrojo, bella, a victoria, tudo isso é bello, apezar da feialdade, no momento esquecida ou transfigurada, do personagem que admiramos. O bebedo que atravessa como um trasgo do mundo real, como um phantasma da miseria proletaria, as primeiras paginas do *Crime e Castigo*, de Dostoiewsky, a falar de Christo e do perdão na sua aguardentia, é uma figura aureolada de belleza, e pulcherrimo surge *Quasimodo*, o monstrengo literario typico, quando Victor Hugo o confunde com a Cathedral, com a faúna e a flora da Cathedral, com as superstições e os mythos e os pavores da Cathedral... Devo fazer uma confissão: sempre fui insensivel á celebradissima belleza dos anjos. Definiu-os Eça de Queiroz numa das cartas de Fradique Mendes a *Mme. de Jouavre: ils ont la bêtise melancholique*... Mas, se eu fôsse mulher (Deus me perdoe!) tenho a certeza de que nutriria uma paixão ideal pelo *Mephistopheles*, do Fausto...

Palavras... Tentemos formular esclarecer, fixar o verdadeiro conceito da belleza e da feialdade. Aristoteles já ensinára (De Poetica, cap. 7) (*) que a belleza dos objectos visiveis reune as ideias de grandeza, quer dizer, de extensão, e de ordem, de successão, e que um animal ou um objecto qualquer não merece o nome de bello senão quando a ordem que existe na sua composição e na sua extensão conveniente permitte, que lhe apprehendamos as partes e a unidade. E' mais expressiva na formula, embora identica em substancia, a definição de belleza humana por Cicero: a exacta relação dos membros (*apta compositio membrorum*).

(*) *Machado de Assis* — (ensaio sobre o humour) p. II.

Todos os artistas e quasi todos os esthetas modernos concebem assim a belleza, não como uma entidade, não como um archetypo, mas, como uma relação.

A fealdade, do mesmo modo, não representa um quadro ideal de caracteres oppostos aos da belleza: é antes, segundo affirmámos em insignificante ensaio critico sobre o humour, uma quebra de unidade no typo humano, uma falta de symetria, uma desproporção. Podemos acrescentar que não ha um rosto bello em opposição a um rosto feio: todos os rostos são bellos quando entre as partes ha uma correspondencia perfeita e feios, quando não a ha. Imaginemos uma linda fronte, coroada de madeixas louras ou castanhas ou negras, ligando-se, abaixo dos olhos, scismadores ou vivos, a um mento delicado, com uma bocca encantadora: um nariz disforme tornará horrivel a creatura (excepto em casos de complicação passional, espiritual, como acima figuramos).

Pensemos num talhe elegante, em duas pernas talhadas como columnas de marmore, numa linha opulenta de quadris, num ventre distenso como a corda de um arco selvagem, numa doce modelação de seios rijos — a linha mais perfeita que existe.

— Que lhe falta, a essa mulher para ser perfeita? Os pés, enormes... Não caminha, arrasta-se... E' feia. Sim, que o feio consiste invariavelmente numa quebra de harmonia no todo individual.

A feialdade é, portanto, essencialmente caricatural, e, assim, profundamente infeliz: infeliz porque lhe dóe na consciencia o desgosto de si mesma; porque ninguem a respeita ou a quasi ninguem logra inspirar sympathia: e principalmente pelas injustiças sem nome de que é victima.

Vou recordar um facto.

Sabe-se que Herbert Spencer, e era um philosopho veneravel, não quiz casar com George Eliot porque a achava feia.

— Não ha destempero maior, dizia, que a phrase absurda: «a belleza não passa abaixo da pelle». O proverbio é que é «á flôr da pelle», pois que á belleza das feições segue-se geralmente a belleza da indole, o que significa alguma cousa mais do que o que apparece á superficie.

Outro. Judas foi o mais gentil dos amigos de Jesus: era bello, rico, elegante; pertencia á aristocracia judaica; pensava em sacudir de Jerusalém o jugo dos Romanos; impunha-se aos homens pela fidalguia dos modos; teve a gloria de inspirar amor (um verdadeiro amor, caracterisado por todas as attracções e explosões do desejo) a uma patricia requintada como Claudia. Gerou-se a lenda da sua infamia e immediatamente o genio das turbas e o dos artistas desfiguraram o misero, emprestando-lhe uma feialdade repugnante, olhos avaros, fronte carquilhada de traição, unhas em garra...

Porque o afelearam? Por lhe attribuirem a entrega de Jesus. Ah! Jesus — outro caso! O retrato de Judas desappareceu convertido numa horrivel caricatura; e porque é Jesus o mais bello dos homens, como expressão moral? Por symbolisar exactamente os traços opposto: é o Justo, o Bom, o Salvador, o Cordeiro, o Filho do Homem, o Crucificado, o Proto Martyr. Jamais, na vida da nossa especie, houve um perfil tão retocado, tão alindado, tão de phantasia, como esse.

Elle é louro e ethereo, mas, ao mesmo tempo, é moreno e poetico, tem os olhos azues, sonhadores e os olhos negros, molhados de ternura, os cabellos em anneis, tombados pittorescamente sobre os hombros frageis, ou duros, recordando a passagem dos soes e dos ventos das solidões desertas, e lembra um trovador, um artista, um ser infeliz, um exilado, tudo o que o homem desejára ser, — ideal emmoldurado em lenda... De mim, direi que sympathiso com Christo justamente pelo que elle tem de pouco pessoal e que affirmo estas cousas com espirito benevolo. Mas, quem negará que o nosso Messias se nos afigura mais bello que Mahomet porque Mahomet é um homem, e mais bello que Moysés, porque Moysés (está ahi, neste ponto irreplicavel, a Biblia), guiou realmente o povo hebreu, e mais bello que Zarathustra, porque (e aqui fala a linguistica, de mãos dadas á mythographia...) Zarathustra, de feito, presidiu á formação de um periodo religioso, e mais bello que Buddha e que o proprio Confucio, a despeito de todas as chocantes originalidades chinezas, porque (vêde os annaes, as chronicas, a historia comparada, a philologia, a exegese...), ambos, afinal, respiravam, são personagens vivos do seu tempo, é mais bello que todos, por ser uma reunião de todos, uma creação synthetica, simultaneamente esperança e vingança idealista do homem, um sonho, um symbolo? Sim, quero a Jesus; mas tambem quero a Judas, victima millenaria, um individuo, imperfeito como todos os individuos, a luctar com um mytho de perfeição!

O peior é que certos sêres, dentro e fóra da nossa especie, são condemnados a eterno ridiculo e a aversão eterna.

Vêde o porco, citado por Barthez, como concentração do vil no reino animal. Appliquemos as idéias de Cicero: por mais convenientes que sejam á sua funcção as proporções do organismo, nenhum porco é bello, todo porco é feio, a exemplo do morcego, sempre repellente, por bem proporcionado que seja. Recordae-vos, senhores: uma simples associação de idéas dispensa, para percepção do ridiculo, o auxilio da natureza ou da arte na deformação dos traços physicos.

Invertendo os termos, será difficil, senão impossivel, conceber como ridiculo a um leão, attendendo a que as impressões que nos causa, graças á fórma, á força, á agilidade, numa palavra, á imponencia selvatica, nos assoberbam humanamente. Sempre attribuimos a essa magnifica féra qualidades nossas. O *panache* é uma suggestão da juba...

Por felicidade, a belleza commum tem um valor numerico superior ao da fealdade commum: entre a grande belleza, synthese de um grupo inteiro de caractéres individuaes, e a extrêma fealdade, que fornece elementos á caricatura, ha uma grande e compacta massa mais ou menos regular e parecida na sua vulgaridade. Desta, sáem apenas, tracejados pelos pelos artistas de talento, os typos caricaturaes collectivos, populares; na Inglaterra, *John Bull*, nos Estados Unidos, *Jonathan*, *Marianne*, em França, o *Zé-Povinho*, em Portugal e no Brazil, o nosso *Zé-Povo*, a apostolo do — *não póde!* Ha outros, de classe ou de partido: *Robert Macaire*, *Mayeux*, *Calino*, *Jocrisse*, o *Marquez de Cabas*, *M. de la Palisse*, o incomparavel *Pacheco*, o *Conselheiro Acacio*, *M. Jourdain*, o *Aristarcho*, de Raul Pompeia, inventados anonymamente pela multião, ou lançados aos proscenios de comedia ou romance, e todos mais ou menos aproveitados pelos caricaturistas (que são os poetas negativos do feio.)

E' interessante (e chamo para isto a vossa attenção) que certos heróes do escarneo evolvam, deixem de ser ridiculos, nobilitando-se economicamente, com o seu grupo. O merceeiro (hoje dizemos fornecedor, commerciante, homem de negocios, capitalista, commendador, outros nomes), era incomparavelmente mais ridicularisado ha dois seculos do que no presente. Nas sociedades de côrte brilhante e de aristocracia bellicosa ou nas que primaram em lettras e artes, o burguez (actualmente uma potencia, que influe até sobre nós) tornára-se o poste das injurias publicas, causa e objeto de escandalo artisco. Barbaçudo, barrigudo, com olhares surrateiros sob densas pestanas, humilde e astuto, incapaz de brandir uma arma se pensasse num lucro, servil ganancioso, era assim que o representavam. Esse senhor, nos dias que correm, uza luvas, enverga com donaire os trajes de etiqueta, tem opiniões artisticas, influe na politica, dirige as finanças, conquista as mulheres, domina a imprensa, perdeu o ventre e trata-nos a nós, artistas, paternalmente. E' uma força viva; têm-nos poetisado romancistas e vates; o theatro incorporou-o aos seus scenarios como protagonista de drama: a propria caricatura trata-o á distancia... Inversamente, o padre, o nobre, o guerreiro e o rei eram menos caricaturados outr'ora. Se Guilherme II, o glorioso Kaiser, o poeta dos *Hohenzollern*, que o Eça superiormente caricaturou, chamando-o de Moysés II, fôsse contemporaneo dos antigos capitães, que não sabiam orar, é certo, mas cujas espadas nunca eram virgens, talvez o tomassem mais a serio.

Pobre Kaiser! derradeiro heróe dos Niebelungen, fadado (elle, que pede brumas odinicas) a apalpar o punho da espada sempre embainhada, através do fumo denso das chaminés de fabrica!

Não conheço, entretanto, nenhuma caricatura marcial de Annibal, ou de Attila, ou de Vercingetorix, ou de Clovis; e, se de Cesar alguma passou á posteridade, devemol-a, não, é claro, á Conquista das Gallias ou ao programma genial do Imperio sobre as ruinas da velha e absurda republica romana, mas aos seus costumes privados, assim como as caricaturas de Alexandre são oriundas da sua existencia desordenada após as batalhas, não das batalhas...

Agora (vêde a differença!), Napoleão, o *primus inter pares* da guerra, o mesmo que, visionado em Santa Helena, como imaginámos, tem o poder de renovar em scenarios de tragedia os motivos da velha poesia épica, é constantemente caricaturado na plenitude da gloria no apice das conquistas que o impuzeram como senhor á Europa vencida. Ha pouco, um pintor pacifista figurou a Guerra em allegoria meio macabra, meio escarninha no primeiro Imperador dos Francezes, homem sinistro, de pallidez terrosa, a cavalgar um monstro negro, disparando sobre um campo juncado de destroços e de esqueletos...

Vem a tempo uma pergunta: tenderá o feio a diminuir ou a augmentar?

Formulasse outro a pergunta e a resposta seria negativa. Mas, quem vos fala, senhores, é um romantico e um idealista. Sem duvida, se é verdade e consola o facto de ser a fealdade commum menos frequente que a belleza commum, parece certo tambem (e isto, á primeira vista, entristece) que, no presente, augmentou a percepção do ridiculo, avolumando dia a dia a onda amarga das decepções humanas. A antiguidade não conheceu o *humour*. Entre nós, o tedio zomba do proprio amor: conhecemos a trans toriedade dos affectos, a insufficiencia das posses, a dôr de amantes que, possuindo a mulher, analysam a mulher...

Uma visão mais clara do ideal de perfeição, em belleza e moral, produz um entendimento mais intimo da realidade falha e feia. Explico-me: a um Nietsche, a pensar no super-homem, no homem-aguia, em opposição ao homem escravo, ao simio humano, ha de ser mais sensivel que a outros o quadro da existencia que levamos, sob o aguilhão dos instinctos inferiores, dos preconceitos, das superstições.

Shopenhauer, como philosopho, é um caricaturista da logica; Antero do Quental, como poeta, é um caricaturista do amor e do heroismo... Correspondem-se como ducumentos de hoje.

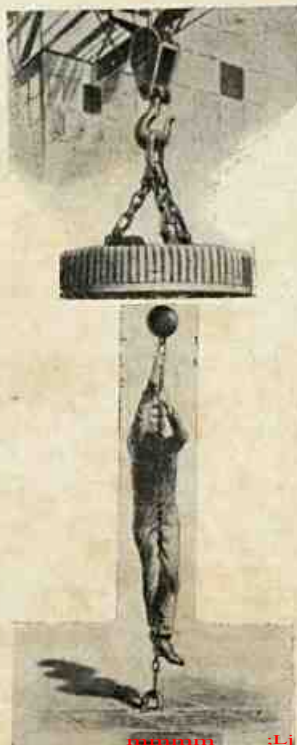
Mas, tudo isso passará e não tarda o dia em que repelliremos de vez essa herança christã... Digo bem: no occidente, o desgosto da existencia é um veneno christão. Podeis consultar todos os poemas, codigos, systemas, theogonias anteriores ao apparecimento do pallido Rabbi da Galiléa: não encontrareis em nenhum o horror á vida, á belleza, á felicidade, ao pleno surto das faculdadse humanas. Até hoje, só uma religião ousou consagrar como principio e norma a esthetica do feio: o christianismo. O asceta foi o amante paradoxal do esqueleto. A belleza para elle era a caveira. Soffria da gula da podridão. Destaca-se como o poeta activo, militante, vociferador, do sepulchro. Odeiou a plastica, a ventura, a gloria e impôz o verme, como fim, como castigo e como imagem torturante...

Mas, isso passará. Ha de findar o assombramento. No passado, ha a Grecia e Roma. Veiu depois a Renascença. Contamos ainda com a França. A America Latina começa a viver. Estamos ás vesperas de um reflorescimento e, quando, de novo, em nossas almas tumultuarem grandes ideaes de solidariedade, de amor e de justiça, a belleza, feita só de emoção humana, de pensamento humano e de sonho humano, vencerá de vez.

O homem futuro esquecerá a *Dansa Macabra*. A *Morte*, sim, essa é intrinsecamente feia. A belleza é a Vida.

Um prodigio scientifico

De Mahomet, diz a lenda, que depois de morto, foi arrebatado ao céo.

Historiadores credulos, não podendo admittir que um herege daquella ordem fosse para o céo, e não querendo por outro lado o facto material da elevação do profeta, em presença dos fieis, procuraram explicar o caso dizendo que havia no zimborio da mesquita um poderoso iman, que attrahiu o esquife de metal de Mahomet, dando logar á lenda da sua assumpção ao céo. E' a explicação mais inverosimil que se pode imaginar; mas referimol-a, porque ella correu mundo e chegou-nos até hoje. O certo é que a força magnetica é muito consideravel, e em geral não se imagina de que é capaz essa força misteriosa.

Quem se diverte com um iman attrahindo limalha de ferro, pennas de escrever, etc, não suspeita que está brincando com uma das maravilhas da natureza e da sciencia. A experiencia feita em uma usina metallurgica de Chicago, mostra a quanto chega a força magnetica. Ao assoalho foi fixada com solidez uma corrente ligada pela outra extremidade a uma bola de ferro pouco maior que a cabeça de um homem.

Suspenso do tecto um poderoso iman, a bola foi attrahida, distendendo a corrente, a qual permittiu que por ella subisse um homem de estatura commum. A gravura representa essa interessante experiencia.

P.

INVERNO

Que paysagem tristonha, amor! Neve... só neve!
Alvo manto de bruma o azul do céu esconde.
Que importa, flôr, um sol de inverno alem se eleve,
O frio gelle, zuna o vento, o mar estronde

Contra os rochedos nús? se a primavera em breve
Ha de cobrir de relva estas campinas, onde
Uma roupagem branca, uma roupagem leve
Envolve tudo quanto a nossa vista sonde!

Olha a neve cahindo em flócos no caminho...
Chega-te mais a mim... quero escutar o terno,
O suave bater dos teus seios de arminho...

Palpita dentro em nós o grande sól do amor...
Emquanto a terra vae, lá fóra, em pleno inverno,
Em nossas almas canta a primavera em flôr!

JOINVILLE SEABRA BARCELLOS

Tiroteio

Um casal de moços, com a devida permissão das familias respectivas, *flirtam* estudando-se mutuamente os genios. Ella, ao cabo de algum tempo impaciente com a demora do rapaz em constituir-se noivo, aventurou com audacia:

— Ouça, Alfredo; nunca esqueça que um rapaz tão bonito e tão bem comportado como você, deve casar.

— Por que tanta pressa?

— Porque só os libertinos têm o direito de ser solteiros; um homem sisudo solteiro é objecto de irrisão em publico.

— Conforme; mas, não esqueça tambem que um homem casado é muitas vezes objecto de riso em sua propria casa.

Entre o Raul e o Luiz

— Já viste uma cousa mais estapafurdia do que quererem convencer a gente que uma sala tem pernas?

— ?

— Pois os hespanhóes têm essa mania.

— ?

— E, segundo affirmam, lá ha uma aleijada.

— ?

— *Salamanca.*

O Luiz perdeu os sentidos e foi chamada a assistencia.

MANIA ?

A proposito da ressurreição de Jesus, um sabio acaba de querer demonstrar, por meio de um grande reforço de explicações scientificas :

1º — que o supplicio da cruz não determina a morte senão ao fim de 24 horas ;

2º — que, no caso especial considerado, tendo-se effectuado o descimento passadas 6 horas de agonia, apenas, Christo não estava morto na sexta-feira santa, apezar da lançada que o soldado romano lhe vibrou ;

3º — que José de Arimathéa, acompanhado por Nicodemo, teria provocado uma syncope no suppliciado, e isso, por meio de algumas gottas d'agua ingeridas, o que deu ao corpo a apparencia cadaverica ;

4º — que, n'esse estado lethargico, Jesus, coberto com a mortalha salpicada de aloes e de mirrha, foi transportado para o tumulo d'onde ressuscitou tanto mais naturalmente, quanto não estava morto ;

5º — que, etc.

Este sabio não tinha outras cousas em que pensar ou estava em condições de ser entregue aos cuidados energicos do Dr. Juliano Moreira.

Um padre, apaixonado por discussões, está n'uma roda em que se commenta a felicidade com que escapou um medico, muito conhecido pelas suas convicções materialistas, das unhas de um bandido feroz que lhe assaltara a casa alta noite.

— Foi um milagre, diz o padre.

— Não sei o que seja milagre, respondeu o medico, que, por coherencia com as suas idéas, não gostava de padres.

— Essa é boa! Não sabe o que seja milagre! Eu lhe explico:

— Diga lá.

— Supponha que o senhor se debruça na sacada da torre do *Jornal do Commercio* e, cahindo d'alli, não morre; como classificará o facto?

— Um accidente.

— Espere lá..., torna o padre meio desnorteado; mas supponha que no dia seguinte lhe acontece o mesmo e fica são e illeso como na vespera? Que dirá então?

— Uma coincidencia.

— Mau, mau! Mas, vamos ver se chega agora a convencer-se e a confessar que sabe o que seja um milagre: — imagine que no dia seguinte ainda se debruça no mesmo lugar e que torna a cahir dando com a cabeça na calçada e, todavia, não recebe a minima lesão. Que vem a ser isso? Como devemos explicar esse facto?

— Tres vezes!... Ora, seria em consequencia do habito.

Preço Vidro de 250 gr. nas capitaes 2$500 até 3$000

Vende-se em todas as drogarias e pharmacias do Brazil

CURA RADICALMENTE

Syphilis, Rheumatismo, Ulceras, Ulcerações da bocca e do laringe (placas mucosas) Exostoses (tumores osseos), Cephaléas (dôres na cabeça continuas e sem allivio), Rumor na cabeça e zumbido nos ouvidos, Dôres no peito, Latejamento das artérias do pescoço e todas as demais manifestações do terrivel flagello — A SYPHILIS.

LABORATORIO

DAUDT & LAGUNILLA

RIO DE JANEIRO

Inventores dos preparados A Saúde da Mulher, Bromil, Boro-Boracica e Depurativo Lyra (Hemosano)

NÃO SE DESCUIDE DESSA TOSSE

Tome cuidado com as constipações. Por mais insignificantes que pareçam, são muitas vezes o prenuncio de males bem maiores. Uma influenza mal curada é muitas vezes

O CAMINHO DA TUBERCULOSE

A sua imprevidencia num caso desses não poderá ser desculpada, pois que está descoberto o especifico da grippe: o

ALLIUM SATIVUM

que repentinamente faz desapparecer o estado febril, dores no corpo, enfraquecimento, defluxo, — todo o cortejo symptomatico da influenza.

Vende-se em todas as bôas casas de perfumarias

"UNDERWOOD"

QUE QUER DIZER ESTE NOME ?

— QUER DIZER: SUPERIORIDADE.

— QUER DIZER: INCOMPARAVEL !

QUEREIS, PORTANTO, ESCREVER BEM ?

A MACHINA UNDERWOOD

ESCREVENDO, VOS FALLARÁ MAIS ALTO.

QUE TODOS OS RECLAMES

CLUBS CASA STANDARD